



# ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**DA NATUREZA DOS TRAÇOS PSICOPÁTICOS AO ATO CRIMINAL:  
UM ESTUDO EM JOVENS ADULTOS**

DANIELA SOFIA COELHO MALACAS DA COSTA

**Orientador de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL BASTO PEREIRA

**Professor de Seminário de Dissertação:**

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL BASTO PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2019

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Miguel Basto Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

Em momentos de desespero e frustração, de determinação e perseverança que marcaram este percurso académico, muitos foram os que deixaram a sua marca e o seu conhecimento, contribuindo de forma direta e/ou indireta para este sentimento de realização, de missão cumprida, que vai, para além, do término do curso, para a certeza de um ser humano melhor, com vontade de marcar a diferença. Como tal não podia deixar de agradecer a todos, especialmente:

Ao Professor Doutor Miguel Basto Pereira, obrigada pelo seu apoio, disponibilidade e dedicação. Obrigada pelos momentos de partilha e pelos sábios ensinamentos. Obrigada por transformar os momentos de aflição em palavras de motivação. E, principalmente, obrigada por marcar este término de forma tão positiva.

Aos meus pais, mais do que um pilar, as minhas fontes de admiração, motivação e calma. É difícil deixar-vos um agradecimento quando tenho tanto para vos agradecer, mas ao mesmo tempo um obrigado nunca chegará. Vocês sabem o que representam na minha vida, por isso, quero-vos só dizer: Obrigada por terem acreditado sempre em mim, mesmo quando eu própria achava não ser possível. Obrigada pelo vosso apoio, paciência e compreensão. Obrigada pelo vosso sorriso, o vosso abraço e as vossas palavras de força e consolo nos momentos de desespero ao longo deste caminho. Obrigada por me acompanharem e partilharem comigo dos momentos mais irrelevantes aos momentos mais importantes. Obrigada por lutarem diariamente para que seja feliz. Obrigada porque sem vocês nada disto seria possível. Obrigada porque sem vocês não seria a pessoa que hoje sou. Obrigada por tudo! São, sem dúvida, os melhores pais do mundo... as pegadas a seguir!

Aos meus amigos e a todas as pessoas importantes na minha vida, de dentro e fora do ISPA, que sempre estiveram ao meu lado, com quem partilhei os melhores e os piores momentos, que experienciaram e marcaram este percurso de forma única e especial, que fazem parte da minha vida. São sem dúvida os melhores!

À Catarina Beja, a minha colega e amiga de todas as horas, sem ti não tinha sido igual e muito teria sido mesmo impossível! Foste mais do que um apoio, foste um pilar dos grandes. Contigo vivenciei um bocadinho dos dois mundos deste percurso: a festa e o trabalho, a felicidade e a tristeza, a euforia e o desespero, o melhor e o pior. Foste das melhores pessoas que o ISPA me deu!

Às “raparigas da faculdade” - Barbara Fernandes, Beatriz Luz, Inês Lusquiños, Márcia Guinote, Raquel Rodrigues e Sara Laranjeira -, a vocês um especial obrigado! Obrigado pelo pilar que foram e são, não só na faculdade, mas, principalmente, na minha vida. Obrigada por terem vivenciado comigo os melhores e os piores momentos. Obrigada por cada sorriso, cada abraço e cada ombro. Obrigada por tornarem estes 5 anos únicos e inesquecíveis. A vossa amizade foi fundamental e com vocês sei que é até sermos velhinhas... Levo-vos comigo p’ra vida!

## RESUMO

Apesar da existência de diversos estudos que exploram a associação da psicopatia com o comportamento desviante, tanto quanto se sabe, ainda não foram realizadas investigações que analisem a relação dos comportamentos criminais às diversas dimensões de traços que compõem a psicopatia. Neste âmbito, a presente investigação tem como objetivo avaliar a relação de diversos crimes autorreportados como tendo sido cometidos no último ano com as diferentes dimensões de traços da psicopatia, nomeadamente às dimensões interpessoal, afetiva e comportamental. A amostra é composta por 618 jovens adultos da comunidade, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, que foram avaliados com recurso ao Inventário de Traços Psicopáticos em Adolescentes (Versão breve) e à Escala de Variedade do Comportamento Desviante. Os resultados indicam que todos os comportamentos criminais estão associados a pelo menos uma dimensão dos traços de psicopatia, sendo que a dimensão interpessoal e comportamental estão associadas à maioria dos comportamentos criminais, no entanto só o furto estabelece relação com todas as dimensões de traços psicopáticos. Este estudo sugere que diferentes dimensões de traços psicopáticos e a sua combinação se associam à prática de diferentes tipos de crimes. Um conjunto de recomendações clínicas, para políticas sociais e investigações futuras são sugeridas.

**Palavras-Chave:** Traços da psicopatia; Comportamentos criminais; Delinquência autorreportada; Jovens-Adultos.

## **ABSTRACT**

Despite the existence of several studies that explore the association of psychopathy with deviant behavior, as far as we know, investigations have not yet been carried out to analyze the relationship of criminal behaviour to the various dimensions of traits that characterize psychopathy. In this context, the present investigation aims to evaluate the relationship of several self-reported crimes committed during last year with the different dimensions of psychopathy, namely the interpersonal, affective and behavioural dimensions. The sample includes 618 young adults from the community, aged between 18 and 20 years, who were evaluated with the Youth Psychopathic Inventory (Short version) and the Variety Scale of Deviant Behavior. The results indicate that all criminal behaviours are associated with, at least one, dimensions of psychopathy and the interpersonal and behavioural dimensions of psychopathy are associated with most of crimes, however, only theft was associated with all dimensions of psychopathy. This study suggests that different dimensions of psychopathic traits and their combination are associated to the practice of different types of crimes. A set of clinical recommendations for social policies and future research are suggested.

**Key-words:** Traits of psychopathy; Criminal behavior; Self-reported delinquency; Young adults.

## ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO .....	1
1. Traços de Psicopatia .....	3
2. Psicopatia e Natureza dos Crimes Cometidos .....	6
3. Psicopatia e Comportamento Criminal: Abordagens Teóricas.....	9
4. Presente Investigação .....	12
II. METODOLOGIA .....	13
1. Participantes .....	13
3. Instrumentos .....	15
4. Procedimento .....	17
III. RESULTADOS .....	19
1. Correlação do Ponto Bisserial .....	19
2. Regressão Logística.....	21
IV. DISCUSSÃO.....	24
1. Traços da Psicopatia e Comportamentos Criminais.....	24
2. Limitações e Estudos Futuros.....	28
3. Recomendações Clínicas e Implicações Políticas e Sociais.....	29
4. Considerações Finais .....	31
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	32
VII. ANEXOS.....	42
Anexo I: Consentimento Informado .....	42
Anexo II: Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar .....	43
Anexo III: Escala de Versatilidade do Comportamento Desviante .....	44
Anexo IV: Youth Psychopathic Inventory – Short Version .....	45

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Dados sociodemográficos .....	14
Tabela 2. Conversão dos itens .....	15
Tabela 3. Correlação entre as dimensões da psicopatia e os comportamentos criminais.....	20
Tabela 4. Regressão logística para predição dos comportamentos criminais.....	22

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema representativo da relação entre o comportamento criminal e as dimensões dos traços da psicopatia. ....	24
--	----

## I. INTRODUÇÃO

Com o desenrolar dos anos, a criminalidade tem vindo a adquirir uma grande notoriedade social dado constituir um grave problema atual para a sociedade. O termo comportamento desviante abrange uma ampla gama de condutas que violam prescrições normativas, legais ou direitos humanos, sendo este definido de forma distinta ao longo do tempo consoante a cultura e as jurisdições legais de cada país (Muncie & McLaughlin, 1996). O Dicionário de Psicologia da APA (VandenBos, 2007) define os comportamentos desviantes como “qualquer comportamento que se desvie significativamente do que é considerado apropriado ou típico para um grupo social” (p. 276). Este é um tema que tem sido alvo de projeção por parte dos meios de comunicação social e que gera uma elevada curiosidade, nomeadamente no que se refere à compreensão das motivações que levam à prática de determinados crimes, principalmente nos casos mediáticos de especial censurabilidade. Em Portugal, de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (Ministério de Administração Interna, 2017), entre 2008 e 2017 a criminalidade em Portugal tem vindo a registar um decréscimo, em especial a criminalidade violenta e grave. No entanto, é possível constatar o aumento de alguns crimes específicos e que ocorrem com relativa frequência, como é o caso do tráfico de estupefacientes, condução sem habilitação legal, burlas, ameaça e coação, ofensa à integridade física voluntária simples e grave e, a violação.

Relativamente à delinquência juvenil, entre 2016 e 2017 registou-se uma redução de 0,7%, com um valor de 1624 casos no último ano. Segundo Steffen (2006), os comportamentos desviantes registam maior intensidade e ocorrência entre os 12 e os 18 anos, havendo com a entrada na idade adulta um declínio da sua ocorrência. Assim, o fenómeno da transgressão é explicado não só pelo desenvolvimento e estruturação da personalidade do indivíduo, mas também pelo processo de aquisição de novas formas de socialização, resultantes da necessidade de separação dos pais e, conseqüente, conquista de autonomia (Benavente, 2002). Farrington (2005) aponta como principais fatores de risco para o início precoce do comportamento antissocial: fatores individuais, como o temperamento e personalidade, a impulsividade, a baixa inteligência e escolaridade; fatores familiares baseados na deficiente disciplina e supervisão parental, atitude de indiferença e/ou negação por parte dos progenitores, conflitos parentais e, pais e/ou irmãos delinquentes; fatores socioeconómicos como a baixa renda familiar e o elevado agregado; fatores de pares como baixa popularidade, rejeição de colegas e pares delinquentes; fatores escolares; e, por fim, fatores de vizinhança como bairros e escolas com elevada criminalidade. No entanto, nem sempre os comportamentos desviantes estão relacionados com

as mudanças intrapsíquicas dos sujeitos, mas sim com distúrbios de personalidade, resultantes “da constelação familiar, do sistema escolar, da situação sociocultural e dum universo subtilmente repressivo” (Benavente, 2002, p. 638).

De acordo com o manual DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014, p. 659), o padrão difuso de indiferença e violação dos direitos dos outros está associado à perturbação de personalidade antissocial, como podemos observar pelos critérios de diagnóstico:

- A. Um padrão difuso de desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas que ocorre desde os 15 anos de idade, conforme indicado por três (ou mais) dos seguintes:
  - 1. Fracasso em ajustar-se às normas sociais relativas a comportamentos legais, conforme indicado pela repetição de atos que constituem motivos de detenção.
  - 2. Tendência à falsidade, conforme indicado por mentiras repetidas, uso de nomes falsos ou de trapaça para ganho ou prazer pessoal.
  - 3. Impulsividade ou fracasso em fazer planos para o futuro.
  - 4. Irritabilidade e agressividade, conforme indicado por repetidas lutas corporais ou agressões físicas.
  - 5. Descaso pela segurança de si ou de outros.
  - 6. Irresponsabilidade reiterada, conforme indicado por falha repetida em manter uma conduta consistente no trabalho ou honrar obrigações financeiras.
  - 7. Ausência de remorso, conforme indicado pela indiferença ou racionalização em relação a ter ferido, maltratado ou roubado outras pessoas.
- B. O indivíduo tem no mínimo 18 anos de idade.
- C. Há evidências de transtorno da conduta com surgimento anterior aos 15 anos de idade.
- D. A ocorrência de comportamento antissocial não se dá exclusivamente durante o curso de esquizofrenia ou transtorno bipolar.

Assim, com base nos critérios acima apresentados é possível constatar que se trata de uma perturbação da personalidade duradoura, com um padrão persistente de comportamento antissocial e criminal, descrito por Lilienfeld (1994) como problemas de comportamento não específicos baseados na delinquência, na agressividade e no reduzido controle de impulsos. Tal é visível no estudo realizado à população presidiária em Portugal por Brazão, Motta, Rijo e Pinto-Gouveia (2015), em que se concluiu não só que 80% dos reclusos do sexo masculino tinham uma perturbação de personalidade, como mais de metade dos mesmos preenchiam os critérios para a perturbação antissocial da personalidade. Foi possível, ainda, observar que o mesmo está presente não só nos indivíduos condenados pela primeira vez (35,6%) como nos indivíduos reincidentes (45,5%), sendo que quase metade dos crimes pelos quais foram condenados corresponde a crimes contra pessoas, o que vem a confirmar a associação desta perturbação à violência e agressividade (Roberts & Coid, 2010). De acordo com DeLisi (2009) e Hare (2003), a psicopatia é um distúrbio de personalidade extremo, preditor do comportamento antissocial, pelo que consiste na mais pura explicação do mesmo, sendo

definida pelo autor como um construto clínico caracterizado por um conjunto de características de personalidade estáveis, designados de traços afetivos, interpessoais, de estilo de vida e comportamentais, que se manifestam em comportamentos antissociais de amplo espectro, em que segundo Silva (2008, p. 32):

Esses indivíduos não são considerados como loucos, nem apresentam qualquer tipo de desorientação. Também não sofrem delírios ou alucinações (como a esquizofrenia) e tampouco apresentam intenso sofrimento mental (como a depressão ou o pânico, por exemplo). Ao contrário disso, seus atos criminosos não provêm de mentes adoecidas, mas sim de raciocínio frio e calculista combinado com total incapacidade de tratar as outras pessoas como seres humanos pensantes e com sentimentos.

Desta forma, apesar da relação existente entre os psicopatas e a criminalidade, diversos autores partilham da opinião que nem todos os sujeitos com comportamentos antissociais são psicopatas, pelo que, Dindo e Fowles (2011) alegam ser mais correto olhar para os comportamentos antissociais e criminais como reflexo do contexto social aliado aos traços de personalidade. Alguns dos indivíduos portadores de psicopatia não só contrariam a tendência de violar as normas sociais e conseguem evitar, por bastante tempo, problemas com o sistema de justiça, como também se encontram em distintas funções e posições sociais bem-sucedidas como médicos, cientistas e psiquiatras (Cleckley, 1988; Hare, 2003).

## **1. Traços de Psicopatia**

Os sujeitos portadores da personalidade de psicopatia, devido à anormalidade psíquica, são definidos como sujeitos que não se adaptam à sociedade e sentem necessidade de ser diferentes (Blackburn, 1975). Defensor da mesma teoria, Stefano (2016) diz que a psicopatia consiste numa forma de ser, em que apenas importa o próprio e os seus interesses, sendo o outro descartável. Atores da vida real, estes são indivíduos muito inteligentes, com o dom de fazer as pessoas acreditar na sua bondade e simpatia, que aproveitam a fragilidade dos outros, juntamente com a sua loquacidade, o seu charme superficial, a mentira e a manipulação (Hare, 1980; Blair, Mitchell & Blair, 2005), para as enganar em benefício próprio.

As características acima referidas são alguns dos 16 traços característicos do perfil psicopata que Cleckley (1988) apresentou na sua obra *The Mask of Sanity*, sendo eles: a) charme superficial; b) ausência de pensamento irracional e delírios; c) ausência de ansiedade; d) não confiável; e) mentira e falsidade; f) carência de culpa ou arrependimento; g) comportamentos antissociais sem razão plausível; h) incapacidade de aprender com as

vivências; i) egocentrismo patológico; j) frieza emocional; k) pouca capacidade de *insight*; l) frieza nas relações interpessoais; m) comportamento excêntrico, por vezes resultante do consumo de álcool ; n) comportamento sexual promíscuo; o) reduzidos episódios de suicídio e; p) ausência de objetivos de vida. Esta constelação de características da psicopatia, enquadra-se, de acordo com diversos autores (DeLisi, 2009; Hart, Cox & Hare, 1995), em três dimensões: a afetiva, que engloba a incapacidade de estabelecer laços afetivos devido à falta de empatia e desconsideração pelos outros, a carência de emoções e, a ausência de culpa ou remorso; a comportamental, em que se regista uma elevada impulsividade e irresponsabilidade, a procura de excitação/adrenalina, a falta de objetivos realistas e, o estilo de vida parasita; e, por fim, a interpessoal, em que se destaca a grandiosidade, a superficialidade, a manipulação, a mentira patológica e o narcisismo.

Relativamente à dimensão afetiva, trata-se de indivíduos racionais, caracterizados por uma extrema frieza emocional, o que faz com que haja não só uma elevada dificuldade em se colocarem no lugar do outro e incapacidade de estabelecer vínculos afetivos mas também, ausência de compaixão por quem os rodeia, uma vez que os mesmos não compreendem os sentimentos humanos em profundidade e, por isso não avaliam as consequências dos seus atos, sendo as pessoas, tanto estranhos como familiares, meros objetos que servem para atingir a sua satisfação pessoal (Gomes & Almeida, 2010; Miller & Lynam, 2015). Estas características são também notórias na dimensão comportamental, em que estes vivem em torno da satisfação do prazer imediato, definidos por Cleckley, como indivíduos hedonistas, os quais adotam comportamentos impulsivos e irresponsáveis, independentemente das consequências dos mesmos, sem culpa, remorso nem arrependimento. Tal é, simultaneamente, explicado pela carência de objetivos de vida realistas e, naturalmente, por um estilo de vida parasita, mas, também, pela intolerância ao tédio e à frustração, o que gera uma elevada excitação e, conseqüentemente, episódios de agressão e violência. Já a nível interpessoal, é de enfatizar que se trata de sujeitos que vivem sobre as suas leis, regras e valores, acreditando não só que o mundo gira à sua volta e que o podem manipular, mas também que são melhores e superiores a toda a gente, o que está diretamente relacionado com a mania da grandeza, do poder e do controlo sobre os outros. Neste âmbito, é possível constatar que se trata de indivíduos imputáveis, dado a sua deficiência não ser a nível cognitivo, uma vez que sabem perfeitamente quando agem contra as normas sociais, mas sim a nível afetivo e emocional (Cleckley, 1988; Hare, 2003).

Em 1941, Karpman teorizou a psicopatia como um construto bifatorial, ideia que foi aprofundada mais tarde nos estudos realizados por Hare (2003), com recurso à escala

*Psychopathy Checklist Revised* (PCL-R), em que se verificou a presença de dois fatores distintos: o fator 1 referente às características interpessoais e afetivas e, o fator 2 que corresponde às características comportamentais e ao estilo de vida, ou seja, o psicopata primário e o secundário, respetivamente. Segundo Karpman (1941), acredita-se que uma das principais diferenças entre os subtipos de psicopatia é sua natureza, sendo a psicopatia primária resultante de influências genéticas e, a secundária, de influências ambientais, como o trauma, a negligência e o abuso. Relativamente aos psicopatas primários, de acordo com Vaughn, Edens, Howard e Smith (2009), trata-se de indivíduos com reduzidos níveis de sofrimento psíquico, resultantes da baixa capacidade de sentir culpa ou remorso sobre os comportamentos socialmente desviantes e, naturalmente, do efeito dos mesmos sobre os outros (Lee & Salekin, 2010). Deste modo, são caracterizados por uma relativa imunidade aos problemas de internalização, apresentando baixos níveis de stress e ansiedade (Vaughn et al., 2009), mas em contrapartida exibem elevados problemas de externalização, níveis de ousadia e desinibição e, baixo neuroticíssimo (Drislane et al., 2014). Por outro lado, os psicopatas secundários são definidos sobretudo por elevados níveis de internalização, nomeadamente ansiedade, depressão e somatização, mas também, apesar de reduzidos, por problemas de externalização, como a agressão e o consumo de substâncias, resultantes dos altos níveis ansiedade, impulsividade, hostilidade e neuroticismo que os caracterizam (Drislane et al., 2014; Lee & Salekin, 2010; Vaughn et al., 2009). À luz das características mencionadas, é pertinente notar que um significativo número de psicopatas secundários apresentaram não só altos níveis de consumo de substâncias (Hicks, Vaidyanathan & Patrick, 2010), mas também, um elevado historial de tentativas de suicídio e perturbações de stress pós-traumático (Smith, Selwyn, Wolford-Clevenger & Mandracchia, 2013), em comparação com indivíduos diagnosticados como psicopatas primários.

Apesar das divergentes características de cada subtipo da psicopatia, de acordo com a literatura (Lee & Salekin, 2010; Vaughn et al., 2009), ambos os grupos são mais propensos a se envolver em condutas criminosas e de risco quando comparados aos indivíduos não psicopatas. Contudo, dentro do grupo dos psicopatas, enquanto que os primeiros são responsáveis por um maior número de acusações criminais não violentas, os psicopatas secundários apresentam índices de criminalidade mais elevados e mais violentos, comparativamente aos primários (Hicks et al., 2010).

## **2. Psicopatia e Natureza dos Crimes Cometidos**

McCuish, Corrado, Hart e DeLisi (2015), a partir de uma amostra de infratores com idades compreendidas entre os 12 e os 28 anos, sugerem que os crimes cometidos por indivíduos com elevados traços de psicopatia registam-se, tendencialmente, como mais violentos, comparativamente com os crimes praticados pelos restantes indivíduos infratores. Neste sentido, um estudo realizado numa amostra prisional de São Paulo, aponta para uma taxa de crimes violentos quatro vezes maior entre psicopatas (Morana, Arboleda-Flórez & Câmara, 2005). Com base no estudo conduzido por Pedersen, Kunz, Rasmussen e Elsass (2010), com pacientes de uma unidade psiquiátrica forense na Dinamarca, os níveis de traços psicopáticos, avaliados pelo PCL-R, estão relacionados com um historial criminal mais severo tanto a nível de frequência como de versatilidade dos delitos, sendo estes indivíduos mais propensos a reincidir, nomeadamente na reincidência violenta. Tal pode ser explicado pela investigação realizada por Miller, Rausher, Hyatt, Maples e Zeichner (2014), em que os traços psicopáticos manifestaram correlações positivas com algumas medidas de tolerância à dor física, nomeadamente com o choque elétrico e com a pressão, estando esta última associada a uma história de comportamento antissocial e agressivo. Nesta linha, Caes e colaboradores (2012), sugerem que indivíduos com traços de psicopatia apresentam baixas respostas emocionais negativas, mais concretamente medo e angústia, na relação com a dor dos outros, o que significa que os mesmos têm uma reduzida sensibilidade percetiva à dor.

Numa investigação longitudinal em crianças dos 7 aos 12 anos, Fontaine, McCrory, Boivin, Moffitt e Viding (2011) sugerem que crianças com mais traços insensíveis/não emocionais e com elevadas trajetórias de problemas de comportamento apresentam, em 4 anos, mais preditores negativos, nomeadamente problemas de conduta, hiperatividade, disciplina negativa por parte dos pais e famílias problemáticas, quando comparados com crianças com baixas características insensíveis/não emocionais e reduzidos problemas de comportamento. É importante referir que os resultados mais negativos surgem aos 12 anos de idade, em que as mesmas apresentam hiperatividade, problemas com pares, problemas emocionais e sentimentos negativos direcionados aos pais. Pechorro e colaboradores (2014), com base numa amostra de 543 rapazes das escolas da região de Lisboa e dos Centros de Detenção Juvenil do Ministério da Justiça, sugerem que o envolvimento em atividades criminosas e o contacto com o sistema judicial precoce advêm de jovens com acentuados traços de psicopatia, problemas de comportamento e, baixos níveis de autoconfiança e autoestima.

A relevância destes estudos é confirmada por Bamvita e colaboradores (2017), que sugerem que o desenvolvimento de traços psicopáticos começa na infância, podendo essas crianças ser identificadas pelas características e comportamentos dos seus pais. Diversos autores identificam como fatores associados a características antissociais na idade adulta, a adversidade do bairro, os fatores familiares, as características individuais dos progenitores e/ou cuidadores e os comportamentos na infância. Mais concretamente, Piquero e colaboradores (2012) indicam que fatores de risco na infância, nomeadamente os individuais e ambientais, apresentam uma relação significativa com a presença de psicopatia na idade adulta. Nos fatores de risco individuais é de ressaltar a baixa escolaridade, a disposição ousada, a baixa estatura, o baixo QI não verbal, a falta de concentração, a elevada extroversão, o alto neuroticismo, a impulsividade psicomotora e, por fim, o facto de se tratar de um sujeito desonesto, impopular e problemático. Já no que diz respeito aos fatores de risco ambientais, enumera-se a gravidez precoce do primeiro filho, rígida disciplina por parte dos progenitores, deficiente supervisão, progenitores neuróticos/deprimidos, desarmonia parental, pais separados, antecedentes criminais dos pais e irmãos, problemas de comportamento dos irmãos, elevado número de elementos no agregado familiar, residir numa habitação precária, o baixo nível socioeconómico e, a elevada taxa de delinquência na escola.

DeLisi, Tostlebe, Burgason, Heirigs e Vaughn (2016), com uma amostra de jovens delinquentes institucionalizados no Missouri, verificaram que tanto o baixo autocontrolo como a psicopatia estavam significativamente associados a várias formas de delinquência. Contudo, não só o baixo autocontrolo estava associado a mais formas de delinquência e vitimização do que a psicopatia, como os jovens com níveis mais baixos de autocontrolo apresentavam maior risco de delinquência patológica, comparativamente com os sujeitos com altos níveis de personalidade psicopática. Neste âmbito, numa meta-análise desenvolvida por 53 estudos, Asscher e colaboradores (2011) sugerem que a psicopatia, nomeadamente a impulsividade e, os traços insensíveis e sem emoção, são preditores significativos da delinquência, estabelecendo uma forte relação com reincidência violenta. Em concordância, com base numa amostra do Estudo da Juventude de Pittsburgh, Lynam, Miller, Vachon, Loeber e Stouthamer-Loeber (2009), através do relato das mães, avaliaram os níveis de psicopatia na infância (13 anos) em 338 jovens adultos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos. Os resultados sugerem que a presença de traços psicopáticos na infância constitui um elevado fator de risco para o comportamento antissocial em jovens adultos, registando-se dentro de 5 a 13 anos contactos com a justiça, nomeadamente condenações. Assim, Vaughn, Howard e DeLisi (2008) sugerem que a presença de traços da psicopatia constitui um fator preditivo para a

existência de uma carreira criminal, delinquência e agressão hostil. Como tal, procurou-se perceber um pouco da relação da psicopatia com diversas categorias de crimes em geral, nomeadamente o crime contra pessoas, tendo em conta comportamentos mais violentos, o crime contra animais, o crime contra o património e, por fim crimes informáticos.

Os crimes contra pessoas estão associados a ofensores com elevados níveis de mecanismos de desligamento moral, mais concretamente, a desumanização da vítima, o que estabelece uma relação direta com os traços de psicopatia (Petruccelli et al., 2017). Por exemplo, no que diz respeito ao crime de homicídio, Fox e DeLisi (2018), numa meta-análise desenvolvida por 22 estudos e com uma amostra de 2603 homicidas, encontraram evidências científicas de que não só que existe uma ligação entre a psicopatia e a prática do crime de homicídio, mas também que a personalidade caracterizada por traços psicopáticos consiste num fator de risco significativo para várias formas de violência mortal. Para além disto, foi possível verificar que quanto mais violento, extremo ou horrível o tipo de homicídio, maior a relação entre a psicopatia e o subtipo de homicídio. Assim, a psicopatia está altamente correlacionada com ofensas mais graves e com homicídio, incluindo a morte sádica e sexual. Repo-Tiihonen e colaboradores (2010) confirmaram uma forte associação entre a psicopatia dos pais de um homicida e a criminalidade da sua descendência masculina, ou seja, por norma, os crimes contra terceiros como a ameaça, intimidação, privação de liberdade ou violação do domicílio estão relacionados com a presença de psicopatia nos progenitores. Já relativamente à violação sexual, Dyck, Campbell, Schmidt e Wershler (2012), sugerem que os grupos com características psicopatas moderadas e elevadas apresentam uma maior percentagem de eventos criminosos como violações, violentas e não-violentas, comparativamente ao grupo de indivíduos com baixas características. Cale, Lussier, McCuish e Corrado (2015) avaliaram que a prevalência de distúrbios psicopáticos entre jovens agressores sexuais é duas a três vezes maior do que em jovens não agressores sexuais, dado se tratarem de indivíduos mais egoístas, insensíveis e com menos remorso (Petruccelli et al., 2017). Quanto à sua reincidência, num estudo realizado por Hawes, Boccaccini e Murrie (2013) foi possível constatar que as pontuações da escala PCL-R foram preditores mais fortes de reincidência violenta em comparação com a reincidência sexual, sendo que na reincidência violenta registam-se valores significativamente mais elevados nos indivíduos enquadrados no fator 2 (faceta do estilo de vida impulsivo e comportamento antissocial), do que os que pertencem ao fator 1 (faceta interpessoal e afetiva), respetivamente, psicopata secundário e psicopata primário.

Relativamente aos crimes contra animais, Kavanagh, Signal e Taylor (2013), revelam que indivíduos com elevados traços de psicopatia, apresentam atos menos positivos

direcionados aos animais, as quais estão associadas a atitudes e comportamentos insensíveis e manipuladores. Contudo, os autores sugerem, ainda, que estas atitudes fazem parte de um conjunto de traços de personalidade dos sujeitos, não se limitando apenas à interação com os animais, mas sim às interações que o indivíduo estabelece no geral, estando estas associadas, particularmente a indivíduos mais jovens, do sexo masculino. Stupperich e Strack (2016) confirmam a associação destes traços ao abuso de animais, correlacionando, ainda, com o desenvolvimento de crimes sádicos.

No que diz respeito aos crimes contra o património, Boduszek, Debowska e Willmott (2017), sugerem que o grupo de indivíduos com elevados traços interpessoais, designados de “manipulação interpessoal”, são mais propensos ao crime do colarinho branco e a crimes direcionados a propriedades. Segundo o estudo, trata-se de sujeitos com elevados níveis de QI, classe social mais elevada e pouco envolvimento com o sistema de justiça criminal, caracterizados por elevados níveis de manipulação, baixos de responsividade afetiva e cognitiva e, egocentrismo.

Por fim, num estudo relativo aos crimes informáticos, Seigfried-Spellar, Villacís-Vukadinović e Lynam (2017), com uma amostra de 235 sujeitos recrutados através do *Mechanical Turk da Amazônia (MTurk)*, indicam que este comportamento está associado ao antagonismo interpessoal e à desinibição, ambas características da psicopatia.

### **3. Psicopatia e Comportamento Criminal: Abordagens Teóricas**

Diversos autores procuraram explicar a relação da psicopatia com o comportamento criminal. Por exemplo, DeLisi (2009) propõem a Psicopatia como Teoria Unificada da Delinquência e do Crime, que se centra nas características nucleares da psicopatia, não só como parte do comportamento antissocial, mas também como mecanismos que se encontram intimamente relacionadas com a violação dos direitos dos outros. Neste âmbito, os elevados traços psicopáticos são caracterizados por uma personalidade egoísta, egocêntrica e auto-motivada que visa a gratificação dos seus interesses através da manipulação e da pressão exercida sobre o outro, não havendo por parte do mesmo, qualquer sentimento de culpa, remorso ou preocupação para com a vítima. Tal é verificado num estudo realizado por Salekin (2008) a 130 adolescentes ofensores, em que foi possível observar que a psicopatia constitui um fator preditor de delinquência geral e violenta. Deste modo, a psicopatia, como fator altamente preditivo do comportamento antissocial, a par de avaliar as características interpessoais, afetivas e comportamentais que se encontram relacionadas com a essência

depreciativa do comportamento antissocial, permite o estudo dos fenótipos antissociais e das influências biossociais, podendo esta ser operacionalizada como categoria ou dimensão.

O perfil do indivíduo psicopata, acima descrito, vai de encontro à Teoria Geral do Crime, em que Hirschi e Gottfredson (1993) defendem que o comportamento criminal advém, a par de diversos fatores que contribuem para a oportunidade criminal (mais concretamente a presença de alvos, a supervisão parental deficitária, a ausência de ocupação e a pertença a gangs), da excitação e satisfação do prazer imediato. Deste modo, os sujeitos responsáveis por comportamentos delinquentes são caracterizados, não só por uma conduta aut centrada e impulsiva, que não tem em conta as carências e o sofrimento dos outros, mas principalmente por um baixo autocontrolo. Assim, a propensão para o crime está diretamente relacionada com o nível de controlo do sujeito, o qual é determinado na primeira infância e permanece constante ao longo da vida. Buker (2011), Hirschi e Gottfredson (1993) defendem que a principal causa do baixo autocontrolo são as práticas parentais ineficazes e desadequadas, nomeadamente a fraca parentalidade, a ausência de supervisão e pais desviantes, pelo que pessoas com um reduzido autocontrolo são mais propensas a cometer crimes ao longo da vida, os quais são definidos por uma personalidade impulsiva. Esta personalidade é definida por insensibilidade aos sentimentos dos outros, egocentrismo, impulsividade, reduzida tolerância à frustração, temperamento volátil, preferência por atividades mais físicas ou verbais em deterioramento da atividade mental, potencial procura de risco e por viver no aqui e no agora (Arneklev, Elis & Medlicott, 2006; Zavala & Kurtz, 2017).

Em concordância, a Teoria do Potencial Antissocial Cognitivo Integrado (ICAP), desenvolvida por Farrington (2003; 2005), destaca a impulsividade como uma dimensão de extrema importância no comportamento criminal a longo prazo. De acordo com o autor, a mudança do potencial antissocial (potencial de cada indivíduo para cometer atos antissociais) depende da interação entre o indivíduo e o ambiente social, nomeadamente, com as vítimas e com a oportunidade criminal. Como tal, há que ter em conta os fatores que podem influenciar a prática de ofensas por parte do sujeito, podendo estes tratar-se do potencial antissocial de longo ou de curto prazo. Relativamente ao potencial antissocial de longo prazo, o qual diverge entre indivíduos e é influenciado por diversos fatores no decorrer da vida, destaca-se a impulsividade, os fatores estimulantes, a vinculação e socialização pais-filhos (famílias problemáticas e os reduzidos níveis de ansiedade que geram baixa sensibilidade ao medo de punição), os modelos antissociais (familiares, pares, amigos, bairro, escola) e os eventos de vida (separação/divórcio ou mudança de residência para bairro com elevada criminalidade). Já o de curto prazo, é influenciado por um conjunto de fatores momentâneos, variantes ao longo do

tempo, que têm impacto sobre o potencial antissocial de longo prazo, dos quais os fatores energéticos (estado de espírito como estar irritado ou frustrado e, estar bêbado ou sob efeito de substâncias), motivacionais (custos e benefícios do ato) e situacionais (oportunidade criminal, disponibilidade e rotinas das vítimas). Assim, a prática de um comportamento criminal depende não só do potencial antissocial de cada indivíduo, mas também dos seus processos cognitivos, nomeadamente da percepção dos custos e benefícios, da probabilidade percebida da consequência nefasta dos seus atos e do historial de práticas criminais prévias. As consequências da ofensa levam a um processo de aprendizagem resultantes da punição, do reforço, da rotulação e da estigmatização, que podem gerar mudanças no potencial antissocial de longo prazo e, futuramente, nos processos cognitivos de tomada de decisão.

Moffitt (1993) na sua Teoria da Taxonomia do Desenvolvimento afirma existir uma relação entre a idade e o comportamento antissocial, pelo que é possível definir dois géneros de carreiras criminosas: os limitados à adolescência, baseados em comportamentos temporários e situacionais e, os persistentes no ciclo de vida, com condutas estáveis e constantes. No que diz respeito aos infratores limitados à adolescência trata-se de uma fase de falta de maturidade em que o jovem quer ganhar autonomia dos seus pais e assumir um papel de adulto, ou seja, nesta altura os indivíduos veem-se como biologicamente semelhantes aos adultos e tentam não só adotar comportamentos dessa faixa etária, recorrendo ao consumo de álcool e drogas e, ao início precoce da vida sexual, como também a comportamentos que aos seus olhos são privilégios para adultos como o roubo e o vandalismo, uma vez que trás dinheiro e *status*. Ou seja, de acordo com a mesma, trata-se de sujeitos mais vulneráveis a imitar o estilo de vida delinquente dos seus colegas e a adotar comportamentos delinquentes na adolescência. Com a entrada na idade adulta, os mesmos passam a conseguir e a poder adquirir materiais e oportunidades que desejavam, pelo que adotam um estilo de vida convencional e, conseqüentemente, cessam a atividade criminal. Contudo, existem elementos, designados de eventos armadilha, que atrasam a desistência destes comportamentos, como é o caso do consumo de estupefacientes, da reclusão, do abandono escolar e da gravidez na adolescência. Contrariamente, os que persistem ao longo da vida são pessoas que apresentaram um conjunto de condições de alto risco durante a infância nomeadamente, as vulnerabilidades no meio ambiente (problemas sociais e interpessoais e, disfuncionalidades familiares), a exposição a ambientes criminógenos e déficits neuropsicológicos. Relativamente ao desenvolvimento neuronal, este pode ser afetado não só antes do nascimento, em resultado do abuso de drogas durante a gravidez, pobre nutrição maternal ou exposição de tóxicos, mas também após o mesmo, destacando-se como causas destes déficits a má nutrição, a fraca estimulação, a carência de afeto e, o abuso e negligencia

por parte dos progenitores. Como tal, trata-se de sujeitos que apresentam determinadas características individuais a nível de saúde, género, temperamento, desempenho escolar, capacidades cognitivas, traços de personalidade e perturbações mentais (deficit de atenção e hiperatividade), mas também familiares, no que diz respeito aos vínculos de apego familiar, práticas de educação infantil, comportamentos criminais dos pais e irmãos e, estatuto socioeconómico. Assim, tendo em conta os riscos a que estiveram expostos no início e ao longo das suas vidas, são indivíduos que se envolvem precocemente no comportamento antissocial, com tendência a ter vidas marginais, comportamento criminoso e viciante, perpetração de violência familiar e problemas de emprego, permanecendo até ao meio da vida adulta.

#### **4. Presente Investigação**

Como sugerido na presente revisão de literatura, a relação da psicopatia com o comportamento criminal constitui uma problemática atual e com especial impacto na sociedade. Contudo, apesar da existência de diversos estudos relativos à associação da psicopatia com o comportamento desviante, tanto quanto se sabe, ainda não foram realizadas investigações que analisem a relação entre diferentes dimensões da psicopatia com uma ampla gama de comportamentos criminais específicos. Neste sentido, revela-se pertinente a existência de estudos que contribuam para uma melhor compreensão da relação entre a psicopatia e atos criminais com diferentes naturezas e motivações. Assim, a presente investigação visa explorar quais as diferentes dimensões de traços psicopáticos que estão diretamente relacionadas com as tipologias de crimes e ultrapassar as limitações apresentadas por estudos anteriores, nomeadamente os estudos da psicopatia na sua relação com a criminalidade em geral ou com categorias muito abrangentes de crimes (e.g., criminalidade geral *versus* criminalidade violenta).

## II. METODOLOGIA

### 1. Participantes

A presente investigação contou com uma amostra de 618 jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos, dos quais 228 (36.95%) são do sexo masculino, 389 (63.05%) do sexo feminino e 1 participante omissivo quanto ao género, apresentando uma média de idades de 18,87 (DP=0,82). No que diz respeito ao grupo étnico, 84,58% (n=521) dos sujeitos são portugueses de ascendência portuguesa, sendo os restantes 15,42% de minorias étnicas e/ou culturais. Relativamente à ocupação, 78,44% dos sujeitos encontram-se a estudar, 10,05% trabalham e estudam em simultâneo, 2,76% não trabalham nem estudam, e os restantes 8,75% encontram-se a exercer a sua atividade laboral. A média de escolaridade foi de 11,40 (DP=1,29). A descrição detalhada dos dados sociodemográficos pode ser consultada na Tabela 1.

A recolha da amostra foi realizada em escolas secundárias e profissionais, universidades, locais de trabalho, instituições sociais, desportivas e de lazer de todo o território nacional, incluindo Portugal Continental e Regiões Autónomas. Como tal, de forma a limitar a amostra, tornou-se essencial definir critérios de exclusão tendo por base os seguintes fatores: incompreensão da língua portuguesa, problemas de saúde mental muito graves ou inexistência de habilitações literárias necessárias para o preenchimento do protocolo. Relativamente à aceitação do estudo, foi possível constatar uma taxa de adesão de 95%, registando-se, na fase de preenchimento dos questionários, um total de recusas ou desistências de apenas 29 indivíduos, o que representa uma percentagem de 4,48%.

Tabela 1. Dados sociodemográficos

Variáveis Sociodemográficas		Amostra Total (N=618)	
		<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade		18,87	0,82
Escolaridade		11,40	1,29
		<i>n</i>	%
Sexo	Masculino	228	36.95
	Feminino	389	63.05
Grupo Étnico	Português com Ascendência Portuguesa	521	84.58
	Português com Ascendência Africana	53	8.60
	Comunidade Cigana Portuguesa	0	.00
	Português com outra Ascendência	28	4.55
	Comunidade Imigrante	14	2.27
	Estatuto Socioeconómico	Baixo	204
	Médio	311	51.58
	Alto	88	14.59
Ocupação	Trabalha	54	8.75
	Estuda	484	78.44
	Trabalha e Estuda	62	10.05
	Não trabalha nem estuda	17	2.76

### 3. Instrumentos

#### *Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar*

Questionário utilizado para recolher dados sociodemográficos dos participantes, nomeadamente sexo, idade, dimensão do agregado familiar, habilitações literárias, estatuto socioeconómico, grupo étnico, ocupação, entre outras informações sociodemográficas e socioeconómicas gerais (Anexo II).

#### *Escala de Variedade do Comportamento Desviante (DBVS; Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2016)*

Escala baseada no autorrelato que objetiva avaliar o envolvimento dos adolescentes em diversos comportamentos desviantes no último ano (Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes & Roncon, 2016). É composta por 19 itens que questionam acerca de diferentes comportamentos desviantes, com diferentes graus de gravidade, tais como, tráfico de droga (“Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc..)?”), comportamentos aditivos (“Consumiste cocaína ou heroína?”), furtos (“Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc..)?”) ou vandalismo (“Fizeste grafitis em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc..)?”), aos quais o sujeito deve responder se praticou cada uma destas condutas no último ano (Anexo III). As opções de resposta seguem uma escala nominal dicotómica (Sim *versus* Não), sendo, respetivamente, cotados com 1 e 0. Neste questionário foi ainda colocada uma questão adicional, onde é solicitado ao sujeito que identifique quantos dos comportamentos enumerados na escala realizou ao longo da sua vida. No que concerne às capacidades psicométricas do instrumento, estas mostram-se apropriadas (Sanches et al., 2016), apresentando uma consistência interna de  $\alpha = 0,829$ . Dos 19 itens que constituem a escala, 11 foram transformados em condutas ilícitas e agrupados em comportamentos criminais, como é possível observar na Tabela 2. Os restantes não foram considerados para a presente investigação, uma vez que não constituem ilícitos criminais.

Tabela 2. Conversão dos itens

Comportamentos Criminais	Itens Correspondentes no DBVS
Agressão	Item 5: “Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)”
Burla	Item 6: “Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete”

Condução sem Habilitação Legal	Item 14: “Conduziste uma mota ou um carro sem ter carta de condução”
Furto	Item 4: “Usaste uma mota ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário” Item 9: “Roubaste alguma coisa que valesse mais de 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)” Item 12: “Roubaste alguma coisa que valesse entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)” Item 17: “Roubaste alguma coisa que valesse menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)”
Porte de Arma	Item 16: “Transportaste uma arma (ex: navalha, pistola, etc.)”
Tráfico de Droga	Item 11: “Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc....)”
Vandalismo	Item 7: “Estragaste ou destruístes bens públicos ou privados (ex: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc.)” Item 18: “Fizeste graffiti em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)”

*Youth Psychopathic Inventory – Short Version (YPI-S; Van Baardewijk et al., 2010; Versão portuguesa para adolescentes do YPI-Short Version: Pechorro, Andershed, Ray, Maroco, & Gonçalves, 2015).*

Questionário de autorrelato composto por 18 itens que avaliam a presença de traços psicopáticos, sendo que quanto maior for a pontuação do sujeito neste instrumento mais elevados os índices de traços de psicopatia. Cada item é pontuado pelo sujeito numa escala de *Likert* que vai desde “1. Discordo muito” a “4. Concordo muito”. Esta escala é dividida nas três dimensões da psicopatia - interpessoal, afetiva e comportamental -, apresentando, também, uma pontuação global. No que diz respeito à dimensão interpessoal, esta inclui os traços de charme desonesto, mentira, grandiosidade e manipulação, características visíveis nas seguintes afirmações: “Tenho jeito para enganar as pessoas, usando o meu charme e o meu sorriso”, “Sou bom a fazer as pessoas acreditarem em mim quando invento alguma história”, “Tenho capacidades que vão muito além das capacidades das outras pessoas”, “É fácil para mim

*manipular as pessoas*”. Já a dimensão afetiva, é caracterizada pelos traços de insensibilidade, frieza emocional e ausência de remorsos, traduzidos nas seguintes afirmações: “*Acho que chorar é sinal de fraqueza mesmo que ninguém nos veja*”, “*Quando as outras pessoas têm problemas muitas vezes é por culpa delas, por isso não devíamos ajudá-las.*”, “*Estar nervoso e preocupado é um sinal de fraqueza*”. Por fim, a dimensão comportamental contempla a impulsividade, irresponsabilidade e busca de excitação, como é possível observar nas afirmações: “*Provavelmente já faltei à escola ou ao trabalho mais vezes do que a maioria das pessoas*”, “*Considero-me uma pessoa bastante impulsiva*”, “*Muitas vezes falo primeiro e só penso depois*” (Anexo IV). Relativamente às qualidades psicométricas desta escala, é possível constatar que quer a versão portuguesa quer a versão original apresentam boas características (YPI-S; Van Baardewijk et al., 2010; Versão portuguesa do YPI-Short Version: Pechorro et al., 2015). A consistência interna do Inventário de Traços Psicopáticos em Adolescentes na presente amostra é considerada apropriada, apresentando, um valor na escala total de  $\alpha = 0,793$ , enquanto que nas subdimensões varia entre  $\alpha = 0,721$  e  $\alpha = 0,754$ .

#### **4. Procedimento**

Esta tese de mestrado enquadra-se no “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), que pretende explorar fatores relacionados com o ajustamento psicossocial e o comportamento pro/antissocial no início da idade adulta. Este projeto de investigação tem a aprovação da Comissão de Ética do ISPA – Instituto Universitário, de quem recebeu um parecer favorável, o que permitiu a realização do presente estudo. A descrição detalhada deste projeto de investigação pode ser consultada em Basto-Pereira, Garcia-Queiroz, Maciel, Leal e Gouveia-Pereira (2019). Inicialmente, procedeu-se à fase de recolha de dados, a qual ocorreu presencialmente no contexto de grupo e sala de aula, onde foram explicados não só os objetivos do projeto de investigação, como também o facto do preenchimento do protocolo ser voluntário e confidencial, podendo os mesmos recusar e/ou desistir da sua participação a qualquer momento. De seguida, os participantes assinaram o consentimento informado (Anexo I) e verificou-se um tempo médio de resposta de aproximadamente 20 minutos.

Após recolhidos os dados procedeu-se à fase de tratamento dos mesmos com apoio ao programa estatístico *IBM SPSS Statistics* versão 25.0 (Chicago IL, USA), onde foi elaborada uma base de dados, com toda a informação dos participantes. Relativamente aos procedimentos estatísticos, como forma de testar a associação da psicopatia com diversos tipos de crimes, foi

efetuada a Correlação do Ponto-Bisserial, metodologia estatística apropriada para explorar as correlações entre variáveis quantitativas e dicotômicas. Para tal foi necessário codificar os itens da *Escala de Variedade do Comportamento Desviante*, de forma a testar a associação de cada item aos comportamentos criminais autorreportados, como é possível observar detalhadamente na Tabela 2. Nos casos em que se registava mais do que um item para determinado tipo de crime, bastava a resposta sim a uma das perguntas para se considerar que o mesmo foi cometido no último ano. Por fim, foi realizada uma regressão logística, para avaliar a capacidade preditiva de cada dimensão dos traços psicopáticos no cometimento das diferentes tipologias de comportamento criminal cometidos.

### III. RESULTADOS

A secção dos resultados está organizada em duas partes. Primeiramente, constam os resultados referentes à correlação do ponto bisserial, realizada de forma a testar a relação entre as diferentes tipologias de crimes e as dimensões da escala de psicopatia. De seguida, é apresentada a análise da regressão logística, onde se explora a capacidade preditiva de diferentes dimensões dos traços psicopáticos em cada tipo de comportamento criminal no último ano.

#### 1. Correlação do Ponto Bisserial

Como é possível observar na Tabela 3, existe uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre os traços de psicopatia e os diferentes tipos de comportamentos criminais, sendo que a correlação maior é com o furto ( $r_{pb} = .31, p < .001$ ). Relativamente a cada uma das subdimensões, a dimensão interpessoal apresenta uma correlação positiva com todos os tipos de crime autorreportados, registando-se uma relação superior com o furto ( $r_{pb} = .24, p < .001$ ) e inferior com a agressão ( $r_{pb} = .16, p < .001$ ). Na dimensão afetiva, os resultados indicam uma correlação positiva com a burla ( $r_{pb} = .09, p = .028$ ), furto ( $r_{pb} = .24, p < .001$ ), posse de armas ( $r_{pb} = .21, p < .001$ ), vandalismo ( $r_{pb} = .18, p < .001$ ) e condução sem habilitação legal ( $r_{pb} = .12, p = .003$ ). Os restantes comportamentos criminais não apresentam valores estatisticamente significativos, como é possível verificar na Tabela 3. Por fim, na dimensão comportamental, regista-se igualmente uma correlação positiva com todos os delitos, assinalando-se a mais forte com o furto ( $r_{pb} = .20, p < .001$ ), e a mais fraca com a condução sem habilitação legal ( $r_{pb} = .12, p = .004$ ) e a posse de armas ( $r_{pb} = .12, p = .002$ ).

Tabela 3. Correlação entre as dimensões da psicopatia e os comportamentos criminais

		Agressão ( <i>n</i> =6.82 %)	Burla ( <i>n</i> =50.81 %)	Condução sem Habilitação Legal ( <i>n</i> =23.30 %)	Furto ( <i>n</i> =27.73 %)	Posse de Armas ( <i>n</i> =10.52 %)	Tráfico de Droga ( <i>n</i> =4.54 %)	Vandalismo ( <i>n</i> =12.46 %)
YPI-S Total	<i>r<sub>pb</sub></i>	.18**	.22**	.20**	.31**	.23**	.16**	.24**
	<i>p</i> -valor	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001
	N	610	608	612	607	612	611	612
Dimensão Interpessoal	<i>r<sub>pb</sub></i>	.16**	.19**	.20**	.24**	.18**	.17**	.20**
	<i>p</i> -valor	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001	<.001
	N	614	612	616	611	616	615	616
Dimensão Afetiva	<i>r<sub>pb</sub></i>	.05	.09*	.12**	.24**	.21**	.01	.18**
	<i>p</i> -valor	.193	.028	.003	<.001	<.001	.750	<.001
	N	612	610	614	609	614	613	614
Dimensão Comportamental	<i>r<sub>pb</sub></i>	.17**	.18**	.12**	.20**	.12**	.15**	.15**
	<i>p</i> -valor	<.001	<.001	.004	<.001	.002	<.001	<.001
	N	614	612	616	611	616	615	616

Nota. YPI-S = Youth Psychopathic Traits Inventory – Short Version; \*\**p* < 0.01. \**p* < 0.05.

## 2. Regressão Logística

Definindo-se como variáveis dependentes os comportamentos criminais (agressão, burla, condução sem habilitação legal, furto, posse de armas, tráfico de droga e vandalismo), os quais apresentam correlações significativas na correlação do ponto bisserial, foram testados como *outcomes* em modelos de regressão logística, considerando, simultaneamente, as dimensões da psicopatia (interpessoal, afetiva e comportamental) e as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, estatuto socioeconómico e minoria étnica).

Através da Tabela 4 é possível verificar que, após ajustadas as características idade, sexo, estatuto socioeconómico e minoria étnica, o furto é o único crime predito pelas três dimensões, em simultâneo, interpessoal (OR = 1.68,  $p = .001$ ), afetiva (OR = 1.85,  $p = .002$ ) e comportamental (OR = 1.66,  $p = .009$ ), sendo o modelo explicado por 18% da variância. A posse de armas, predita pela dimensão interpessoal (OR = 1.52;  $p = .039$ ) e afetiva (OR = 1.83;  $p = .023$ ), regista o valor mais elevado de 22% de variância explicada pelo modelo final. No que diz respeito à agressão, esta é predita pela dimensão interpessoal (OR = 1.65,  $p = .030$ ) e comportamental (OR = 3.84,  $p < .001$ ), sendo o modelo explicado por 19% da variância. O vandalismo é predito pela dimensão interpessoal (OR = 1.57,  $p = .016$ ) e comportamental (OR = 1.81,  $p = .022$ ), apresentando 17% da variância do modelo. Relativamente ao tráfico de droga, explicado por 16% da variância, este é predito pela dimensão interpessoal (OR = 1.88;  $p = .015$ ) e comportamental (OR = 3.31;  $p = .003$ ). Por fim, a burla é predita pela dimensão interpessoal (OR = 1.57,  $p = .002$ ) e comportamental (OR = 1.58,  $p = .005$ ), apresentando o valor de variância do modelo mais baixo, de 8%, juntamente com o crime de condução sem habilitação legal, sendo este o único comportamento predito apenas por uma dimensão, a dimensão interpessoal (OR = 1.73;  $p = .001$ ). É ainda interessante notar que em todos os comportamentos criminais, exceto na burla (OR = .80;  $p = .236$ ), os homens são mais propensos à realização dos crimes, comparativamente com o sexo feminino.

Tabela 4. Regressão logística para predição dos comportamentos criminais

	Agressão				Burla				Condução sem Habilitação Legal				Furto			
	B	S.E.	Exp(B)	P	B	S.E.	Exp(B)	p	B	S.E.	Exp(B)	p	B	S.E.	Exp(B)	p
Sexo	-1.31	.38	.27	.001	-.22	.19	.80	.236	-.50	.22	.61	.021	-.56	.21	.57	.008
Idade	.50	.22	1.66	.021	-.21	.11	.81	.045	-.04	.13	.96	.750	.18	.12	1.20	.138
Estatuto Socioeconómico	.25	.26	1.29	.332	.08	.13	1.08	.553	-.05	.15	.95	.755	.32	.15	1.37	.035
Minoria Étnica	.25	.43	1.28	.561	.07	.23	1.08	.754	.07	.26	1.08	.779	.47	.25	1.60	.061
Dimensão Interpessoal	.50	.23	1.65*	.030	.45	.14	1.57**	.002	.55	.16	1.73**	.001	.52	.16	1.68**	.001
Dimensão Afetiva	-.32	.33	.73	.334	.00	.18	1.00	.986	.15	.20	1.16	.454	.61	.19	1.85**	.002
Dimensão Comportamental	1.35	.35	3.84**	<.001	.46	.16	1.58**	.005	.29	.19	1.33	.138	.50	.19	1.66*	.009
Constante	-15.74	4.46	.00	<.001	2.06	2.07	7.88	.317	-2.24	2.47	.11	.366	-7.70	2.44	.00	.002
R <sup>2</sup>	.19				.08				.08				.18			
χ <sup>2</sup>	45.49				34.36				32.71				75.67			

Nota: Sexo (Masculino = 0; Feminino = 1); Estatuto Socioeconómico (Baixo = 0; Médio = 1; Alto = 2); Minoria Étnica (Não = 0; Sim = 1); \*\*p < 0.01. \*p < 0.05.

Tabela 4b. Regressão logística para predição dos comportamentos criminais

	Posse de Armas				Tráfico de Droga				Vandalismo			
	B	S.E.	Exp(B)	<i>P</i>	B	S.E.	Exp(B)	<i>p</i>	B	S.E.	Exp(B)	<i>p</i>
Sexo	-1.77	.34	.17	<.001	-.93	.44	.39	.034	-1.19	.28	.30	<.001
Idade	.03	.18	1.03	.878	-.21	.26	.81	.437	-.01	.16	.99	.954
Estatuto Socioeconómico	-.01	.22	.99	.961	.56	.31	1.75	.072	.23	.20	1.25	.259
Minoria Étnica	.28	.36	1.33	.438	.61	.48	1.84	.205	.51	.32	1.67	.107
Dimensão Interpessoal	.42	.20	1.52*	.039	.63	.26	1.88*	.015	.45	.19	1.57*	.016
Dimensão Afetiva	.61	.27	1.83*	.023	-.70	.40	.50	.078	.41	.25	1.50	.098
Dimensão Comportamental	.44	.29	1.55	.123	1.20	.41	3.31**	.003	.59	.26	1.81*	.022
Constante	-4.99	3.57	.01	.162	-2.61	5.24	.07	.619	-4.56	3.24	.01	.159
R <sup>2</sup>	.22				.16				.17			
χ <sup>2</sup>	66.00				29.79				55.89			

Nota: Sexo (Masculino = 0; Feminino = 1); Estatuto Socioeconómico (Baixo = 0; Médio = 1; Alto = 2); Minoria Étnica (Não = 0; Sim = 1); \*\*p < 0.01. \*p < 0.05.

## IV. DISCUSSÃO

Apesar de já ser conhecida a relação entre a psicopatia e o comportamento criminal, tanto quanto se sabe, este é um dos poucos estudos que tem como objetivo perceber quais as tipologias de crimes que estão diretamente relacionadas com os diferentes traços da psicopatia, associados às dimensões interpessoal, afetiva e comportamental. A importância da presente investigação é reforçada pelo facto de se tratar de uma amostra de jovens adultos, sendo que é precisamente na entrada da idade adulta que os comportamentos delinquentes atingem o seu pico (Stolzenberg & D'Alessio, 2008).

### 1. Traços da Psicopatia e Comportamentos Criminais

Este estudo objetivou compreender a relação dos comportamentos criminais, nomeadamente a agressão, a burla, a condução sem habilitação legal, o furto, a posse de armas, o tráfico de droga e o vandalismo, com as diferentes dimensões que caracterizam os traços da psicopatia. De acordo com os resultados obtidos e tendo em conta a Figura 1, é possível constatar que: 1) todas as dimensões têm em comum os comportamentos criminais; 2) apenas o furto estabelece relação com todas as dimensões da psicopatia, nomeadamente as dimensões interpessoais, afetivas e comportamentais; 3) grande parte dos comportamentos criminais apresentam, simultaneamente, uma relação com a dimensão interpessoal e comportamental.

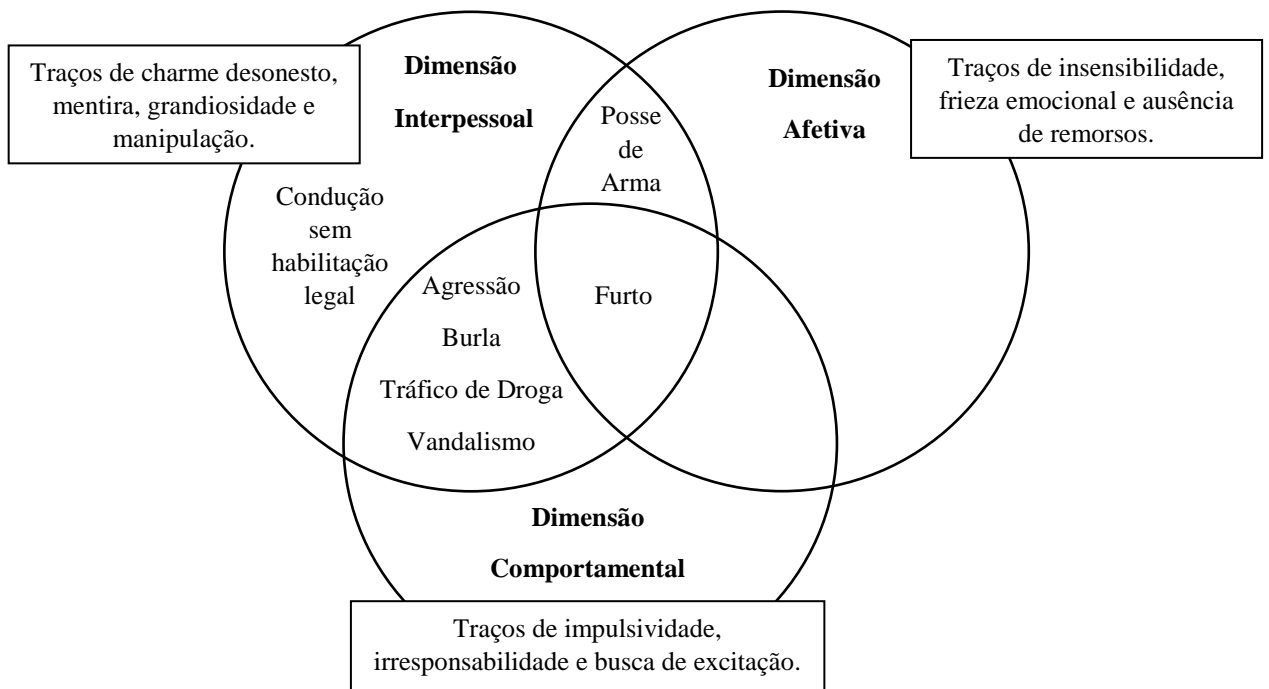


Figura 1. Esquema representativo da relação entre o comportamento criminal e as dimensões dos traços da psicopatia.

No que se refere à associação das dimensões da psicopatia aos comportamentos criminais, os resultados obtidos neste estudo são congruentes com a literatura existente (Coffey, Cox & Kopkin, 2018; Penney & Moretti, 2007; Swogger, Walsh, Lejuez & Kosson, 2010), que defende que os comportamentos desviantes e criminais encontram-se, tendencialmente, relacionados com uma estrutura de personalidade caracterizada por traços psicopáticos, pelo que a presença de traços de psicopatia constitui um fator de risco para o crime. Castellana, Barros, Serafim e Busatto-Filho (2014), vêm corroborar esta ideia, ao sugerirem haver um número significativamente maior de características psicopatas primárias (interpessoais e afetivas) e secundárias (comportamento antissocial e estilo de vida) em jovens infratores, comparativamente com jovens não infratores. Tal pode ser explicado por Coffey e colaboradores (2018), que sugerem que indivíduos com altos níveis de desinibição apresentam menores probabilidades de ponderação das consequências das suas ações, agindo em função do prazer imediato. Esta investigação vai de encontro à teoria geral do crime, em que os autores defendem que o crime advém não só, do baixo autocontrolo dos impulsos, mas também do predomínio dos seus desejos em desconsideração do dos outros (Hirschi & Gottfredson, 1993).

Relativamente ao furto, os resultados da presente investigação suportam o estudo empírico de Próspero-Luís e colaboradores (2017), que sugerem que os traços da psicopatia estão associados à ausência de medo e, conseqüentemente, não só a um aumento das expectativas como uma subestimação, por parte do indivíduo, à probabilidade de consequências negativas que podem advir das suas ações, mais concretamente do furto. Como tal, a idealização dos efeitos positivos, nomeadamente as recompensas da realização do crime, constituíram um preditor estatisticamente significativo da intenção de reincidir. Nesta lógica, o estudo conduzido por Basto-Pereira e Farrington (2018), sugere que as carreiras criminais são influenciadas pelas vulnerabilidades do sujeito decorrentes da infância. De acordo com este estudo longitudinal, que avaliou uma amostra durante cerca de 40 anos, a substancial maioria das carreiras criminais tem como primeiros crimes o furto, evoluindo para diferentes tipologias de crime ou simplesmente terminando. Assim sendo, apesar de o furto marcar o início das carreiras criminais, é possível verificar no estudo longitudinal conduzido por Basto-Pereira e Farrington (2019), que nem todos os indivíduos que inicialmente cometeram furtos progrediram para uma carreira de crimes mais graves, mas que grande parte dos sujeitos que cometeram crimes graves já praticaram algum tipo de furto no decorrer da sua carreira criminal. Desta forma, o facto de o furto ser predito por diferentes dimensões da psicopatia, pode ser explicado pela própria natureza do crime, que marca o início da substancial maioria das carreiras criminais.

No que diz respeito à associação da dimensão interpessoal e comportamental, em simultâneo, com diversas tipologias de crimes, esta pode ser explicada por Colins, Fanti, Salekin e Andershed (2017), que defendem que os indivíduos com elevadas características de grandiosidade e manipulação, mais concretamente traços interpessoais da psicopatia, apresentaram valores mais elevados nas categorias de agressão, comparativamente com os indivíduos sem personalidade psicopática, pelo que os autores colocam a hipótese de se tratar de sujeitos que agem agressivamente quando sentem que o seu sentimento de superioridade e grandiosidade pode estar ameaçado. Este estudo corrobora os resultados da presente investigação no crime de agressão, uma vez que este é um dos delitos que estabelece relação com a dimensão interpessoal e comportamental. Em contrapartida, o estudo de Penney e Moretti (2007), com uma amostra de 142 jovens adolescentes, não suporta estes resultados, defendendo que as três dimensões da psicopatia estão fortemente relacionadas com a agressão em ambos os sexos, mesmo na dimensão comportamental em que, apesar da tendência para reduzidos níveis de impulsividade e elevados de inibição comportamental no sexo feminino, neste estudo não se registaram disparidades nas características comportamentais entre os dois géneros. No que diz respeito à diferença entre sexos, esta investigação não é corroborada pela literatura (Miller, Watts & Jones, 2011; Rogstad & Rogers, 2008) dado que na maioria dos estudos não só se registam desigualdades entre ambos, como ser do sexo masculino constitui um fator de risco para o comportamento antissocial, o que é possível verificar nos resultados do presente estudo. Numa investigação com 310 jovens adultos, com idades entre os 13 e os 20 anos, institucionalizados em centros educativos, Pechorro, Poiares, Marôco e Vieira (2012) sugerem que os rapazes não só apresentam traços de frieza emocional mais vincados, mas também, maior frequência e gravidade dos comportamentos criminais quando comparados com o sexo feminino. Mais concretamente, os psicopatas secundários do sexo masculino apresentam maiores níveis de externalização, comportamentos antissociais e criminalidade comparativamente com as mulheres com psicopatia secundária (Lee & Salekin, 2010). Neste sentido, os nossos resultados, em linha com a literatura especializada, sugerem a existência de diferenças de género, nos níveis de psicopatia e na prática de determinados crimes.

Relativamente ao vandalismo, Pfattheicher, Keller e Knezevic (2018), sugerem que este ato de destruir por prazer, estabelece uma relação com ao sadismo, o qual está associado com a procura de prazer através do domínio e da destrutividade. Este domínio está relacionado com a ideia de poder e controlo não só sobre os objetos e/ou propriedades, como das pessoas e, conseqüente, sentimento de grandiosidade, o que se encontra diretamente relacionado com a dimensão interpessoal que compõe a psicopatia. Este comportamento pode, também, ser

explicado pelo estudo de Coffey e colaboradores (2018), que indicam uma relação positiva entre o vandalismo e a desinibição, característica que está associada à procura de satisfação imediata, o que leva, por parte do sujeito, a um comportamento irresponsável e impulsivo, constituindo estes claros fatores de passagem ao ato, os quais estão associados aos traços comportamentais da psicopatia. Tal como no nosso estudo, ambas as investigações, corroboram a relação do ato de vandalismo com a dimensão interpessoal e comportamental. Também em linha com o nosso estudo, a investigação de Haapasalo (1994) corrobora a relação do crime de burla com a dimensão interpessoal e comportamental, sugerindo que a percentagem de indivíduos com traços de psicopatia condenados por crimes de natureza fraudulenta é superior de entre os infratores sem estes traços. Para além disto, o mesmo defende que estes comportamentos fraudulentos, irresponsáveis e desprovidos de consequências estão associados a determinadas características da psicopatia, nomeadamente ao charme superficial, à não confiabilidade e à insensibilidade, as quais estão relacionadas com a manipulação e mentira patológica e são essenciais para a bem-sucedida execução desses mesmos crimes (Perri & Brody, 2011).

Por último, o crime de tráfico de droga no último ano, também está associado a estas duas dimensões, interpessoal e comportamental. Segundo D'Urso, Petruccelli e Pace (2018), criminosos envolvidos em tráfico de droga são caracterizados por elevados níveis de desligamento moral e desumanização da vítima minimizam as suas ações com as ações dos outros, alimentando a ideia de que há pessoas que praticam comportamentos piores e mais violentos. Como tal, a presente investigação não corrobora os resultados apresentados, dado que o mesmo não aparenta uma relação com a dimensão afetiva da psicopatia. No entanto, e sendo uma amostra comunitária, os contornos de gravidade e níveis de reincidência dos crimes de tráfico de drogas praticados poderá não ser a mesma que a dos autores referidos. Novos estudos são necessários.

A posse de arma é o único comportamento criminal que, no presente estudo, está relacionado, a par da dimensão interpessoal, com a dimensão afetiva. A investigação realizada por Chu, Daffern, Thomas e Lim (2012), a uma amostra de 165 jovens infratores, sugere que o uso de armas, juntamente com condutas antissociais violentas e com o consumo de substâncias são comportamentos mais propensos em indivíduos associados a gangs, quando comparado com os restantes. Em concordância, Emmert, Hall e Lizotte (2017) defendem que a delinquência violenta está fortemente relacionada com a posse de armas, registando-se um significativo decréscimo quando o indivíduo deixa de as ter sem sua posse. De acordo com Chu, Daffern, Thomas, Ang e Long (2013) os jovens pertencentes a gangs apresentam elevados

traços de impulsividade e irresponsabilidade, o que vai em linha com a teoria geral do crime, que sugere que a presença em gangs e o facto de se tratar de um sujeito com personalidade impulsiva são dois fatores que estão diretamente relacionados com o comportamento criminal. Contudo, os traços apresentados no estudo de Chu e colaboradores (2013) dizem respeito à dimensão comportamental da psicopatia, o que não suporta os resultados obtidos na presente investigação. Apesar disto, coloca-se a hipótese de a relação da posse de armas com a dimensão afetiva, estar associada ao aumento considerável da delinquência violenta, devido à frieza emocional, à ausência de culpa ou ressentimento e à desconsideração pelos outros.

Por último, a relação da condução sem habilitação legal com a dimensão interpessoal, é suportada pela investigação de Venables, Hall e Patrick (2013) que sugerem que os elevados níveis de ousadia estão associados à dimensão interpessoal da psicopatia pois, estes traços estão associados ao padrão crónico de violar as leis sociais, vivendo sobre as suas próprias regras e valores, o que pode levar o mesmo a adotar comportamentos desviantes e negligentes, colocando a sua segurança e a de terceiros em perigo, como a violação das regras da estrada.

Em suma, de acordo com a teoria de que a psicopatia cria as suas raízes no decorrer da infância e adolescência, Bandura (2008) coloca a hipótese dos comportamentos desviantes resultarem não só da ausência de um modelo de referência, mas também da ausência de afeto, na medida em que esta carência dá lugar a outros modelos, nomeadamente os antissociais, os quais compensam esse sentimento de vazio e, naturalmente podem ser os precursores de trajetórias criminais.

## **2. Limitações e Estudos Futuros**

Não obstante do contributo do presente estudo, os resultados obtidos devem ser analisados de acordo com diversas limitações metodológicas. Apesar do considerável número de participantes que compõem a amostra ( $N = 618$ ), esta investigação apresenta uma amplitude de idades limitada (entre os 18 e os 20 anos), o que por um lado é perspectivado como uma vantagem, no que se refere ao estudo da relação entre a psicopatia e as diferentes tipologias de comportamentos criminais em jovens adultos, mas por outro uma desvantagem, na medida em que a generalização da relação entre as variáveis para outras faixas etárias poderá ser complexa e extrapolativa. O facto de se tratar de um tipo de amostragem por conveniência, constitui outra das limitações apresentadas, dado a impossibilidade de a mesma ser representativa dos jovens adultos portugueses. Para além disto, responder a aspetos passados apenas num determinado momento, pode ter influência na avaliação das suas vivências, uma vez que o sujeito está

exposto a diversos fatores, nomeadamente ao estado emocional e à acessibilidade mnésica à informação, constituindo a metodologia transversal uma limitação da presente investigação. Deste modo, estudos futuros deverão adotar uma metodologia longitudinal, não só como forma de colmatar este entrave, mas também, para uma possível futura investigação que permitiria verificar se com o avanço da idade se registam alterações na associação das tipologias de crimes às diferentes dimensões que compõem os traços psicopáticos. Como complemento, para além de ver a influencia das idades, seria interessante avaliar se as questões culturais também constituem um fator preditivo da relação entre os tipos de crimes e as dimensões da psicopatia, através da aplicação do estudo a diversos países.

Por fim, o facto de avaliar a presença de traços de psicopatia através de questionários de autorrelato poderá constituir uma limitação ao estudo, uma vez que os participantes podem responder não só com influência das características da própria psicopatia, nomeadamente a manipulação, o charme superficial e a insensibilidade (Asscher & colaboradores, 2011), mas também, com base na desejabilidade social, ou seja, no que é socialmente aceite, invés de responderem com sinceridade (Demetriou, Ozer & Essau, 2015). Para além disto, surge também a questão de os sujeitos com determinadas características mentais e de psicopatia antissocial amplificarem a sua disfunção mental como forma de expressar a sua necessidade de atenção clínica (Nentjes, Bernstein, Arntz, Slaats & Hannemann, 2015). Desta forma, investigações futuras deverão recorrer a outros instrumentos que não sejam de autorrelato e que permitam medir uma maior variedade de comportamentos criminais, principalmente os que apresentem maiores percentagens nas prisões portuguesas, como forma de obter resultados mais completos e próximos da realidade, para uma maior compreensão da mesma.

### **3. Recomendações Clínicas e Implicações Políticas e Sociais**

De acordo com os resultados obtidos na presente investigação, as tipologias de crimes estudadas, praticados por indivíduos desta faixa etária, estão associadas a, pelo menos, uma dimensão dos traços da psicopatia, o que corrobora a associação do comportamento criminal aos traços psicopáticos, constituindo este um problema para a sociedade. Deste modo, verifica-se a necessidade de uma intervenção, baseada na prevenção, não só junto dos ofensores, dado a psicopatia estar associada a problemas afetivos, relacionais e comportamentais desviantes, mas também junto dos progenitores e/ou cuidadores e, dos profissionais de saúde e da justiça.

Relativamente à intervenção junto dos jovens ofensores, de acordo com McDonald, Dodson, Rosenfield e Jouriles (2011), a presença de determinados traços não significa

necessariamente um diagnóstico, acreditando-se também que as características psicopáticas podem ser maleáveis e, naturalmente trabalhadas, pelo menos em idades menos avançadas, nomeadamente em crianças. Neste âmbito, a intervenção junto dos indivíduos que apresentam comportamentos desviantes e/ou criminais precoces, mostra-se uma medida essencial de prevenção. Esta é particularmente importante em casos de jovens ofensores que apresentam riscos de reincidência, na medida em que a identificação prévia e a intervenção em determinados traços de psicopatia possibilitará uma intervenção terapêutica, psicossocial, educativa e inclusiva diferenciada para o mesmo, o que se traduzirá num desenvolvimento positivo do quadro clínico.

Já a intervenção junto dos progenitores constitui, à luz da literatura (Kolko et al. 2009; McDonald et al., 2011), uma medida preventiva de elevada relevância, não só pelo facto das raízes da psicopatia se desenvolverem, de forma gradual, no decorrer da infância e adolescência, mas principalmente, porque a intervenção parental pode alterar o trajeto do desenvolvimento de características da psicopatia em indivíduos com problemas de conduta. Segundo Kaminski, Valle, Filene e Boyle (2008), uma intervenção parental baseada em estratégias de disciplina e relacionamentos de qualidade entre pais-filhos constitui uma medida eficaz na redução de problemas de conduta, uma vez que crianças com elevados níveis de afeto e vinculação com os progenitores apresentam diminuídos traços de insensibilidade e problemas de comportamento antissocial ao longo do tempo (Pardini, Lochman & Powell, 2007). Deste modo, sugere-se que os progenitores frequentem programas direcionados à criação de um meio envolvente estável para o desenvolvimento da criança e, que promovam, a par dos cuidados básicos de sobrevivência, técnicas de gestão económica, estratégias de resolução de problemas e de *coping* para a raiva, gestão de situações de *stress*, ferramentas para o aumento do autocontrolo, bem como o aconselhamento parental e conjugal. Para além disto, é importante promover algo que se tem vindo a perder nas gerações atuais e que se considera essencial para o bem-estar do ser humano, a educação para o afeto.

Por fim, considera-se necessário a formação de profissionais de saúde e da justiça a fim de identificar previamente traços de psicopatia em jovens adolescentes e prevenir a rigidificação dos mesmos e, conseqüentemente, a criminalidade. Particularmente no setor da justiça, registam-se ainda algumas limitações no que diz respeito ao tipo de sanção a ser aplicada, uma vez que se trata de traços da personalidade, ou seja, comportamentos e valores que têm de ser modificados, o que não é possível se os mesmos apenas forem punidos com medidas a favor da comunidade ou privados de liberdade. Deste modo, recomenda-se a implementação de um acompanhamento mais direcionado a estes indivíduos e de programas que promovam

características de personalidade próssociais, destinados aos jovens infratores, principalmente os que apresentem elevadas probabilidades de reincidir.

#### **4. Considerações Finais**

De acordo com a literatura, a psicopatia é um construto que desperta controvérsia em diversos aspetos, nomeadamente a nível da sua conceptualização, avaliação e diagnóstico, pelo que tem sido alvo de investigação ao longo dos anos. Contudo, apesar de existirem estudos referentes às características da psicopatia e à associação deste distúrbio, não só com a criminalidade em geral, mas também, com diversos tipos de crimes específicos, regista-se, ainda, uma escassez na literatura relativa às tipologias de crimes associadas aos traços da psicopatia.

Tanto quanto se sabe, este é o primeiro estudo a explorar a relação com uma ampla gama de crimes específicos (agressão, burla, condução sem habilitação legal, furto, posse de armas, tráfico de droga e vandalismo) com as dimensões que constituem os traços da psicopatia (interpessoal, afetiva e comportamental). Os resultados desta investigação suportam a relação entre o comportamento criminal e a psicopatia, bem como o facto de determinados atos criminais se associarem diferencialmente a diferentes dimensões da psicopatia. Estudos futuros devem continuar a explorar quais as características da psicopatia que estão presentes nos ofensores de diversos tipos de crimes, o que permitirá intervenções mais direcionadas e especializadas.

## V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5th ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Arneklev, B. J., Elis, L., & Medlicott, S. (2006). Testing the General Theory of Crime: Comparing the Effects of "Imprudent Behavior" and an Attitudinal Indicator of "Low Self-Control". *Western Criminology Review*, 7(3).
- Asscher, J. J., van Vugt, E. S., Stams, G. J. J. M., Deković, M., Eichelsheim, V. I., & Yousfi, S. (2011). The relationship between juvenile psychopathic traits, delinquency and (violent) recidivism: A meta-analysis. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52(11), 1134–1143. doi:10.1111/j.1469-7610.2011.02412.x
- Bamvita, J., Larm, P., Checknita, D., Vitaro, F., Tremblay, R., Côté, G., & Hodgins, S. (2017). Childhood predictors of adult psychopathy scores among males followed from age 6 to 33. *Journal Of Criminal Justice*, 53, 55-65. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2017.09.003
- Bandura, A. (2008). A evolução da teoria social cognitiva. *Teoria social cognitiva: Conceitos básicos*, 15-41.
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. P. (2018). Advancing Knowledge about Lifelong Crime Sequences. *The British Journal of Criminology*, 59(2), 354-377. doi:10.1093/bjc/azy033
- Basto-Pereira, M., & Farrington, D. P. (2019). Lifelong Conviction Pathways and Self-Reported Offending: Towards a Deeper Comprehension of Criminal Career Development. *The British Journal of Criminology*. doi:10.1093/bjc/azz037
- Basto-Pereira, M., Queiroz-Garcia, I., Maciel, L., Leal, I., & Gouveia-Pereira, M. (2019). An International Study of Pro/Antisocial Behavior in Young Adults. *Cross-Cultural Research*. doi: 10.1177/1069397119850741
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise psicológica*, 20(4), 637-645.

- Blackburn, R. (1975). An Empirical Classification of Psychopathic Personality. *The British Journal of Psychiatry*, 127(5), 456–460. doi:10.1192/bjp.127.5.456
- Blair, J., Mitchell, D., & Blair, K. (2005). *The psychopath: Emotion and the brain*. Blackwell Publishing.
- Boduszek, D., Debowska, A., & Willmott, D. (2017). Latent profile analysis of psychopathic traits among homicide, general violent, property, and white-collar offenders. *Journal of Criminal Justice*, 51, 17–23. doi:10.1016/j.jcrimjus.2017.06.001
- Brazão, N., Motta, C. D., Rijo, D., & Pinto-Gouveia, J. (2015). The prevalence of personality disorders in Portuguese male prison inmates: Implications for penitentiary treatment. *Análise Psicológica*, 33(3), 279-290. doi: 10.14417/ap.975
- Buker, H. (2011). Formation of self-control: Gottfredson and Hirschi's general theory of crime and beyond. *Aggression and Violent Behavior*, 16(3), 265–276. doi:10.1016/j.avb.2011.03.005
- Caes, L., Uzieblo, K., Crombez, G., Ruddere, L. D., Vervoort, T., & Goubert, L. (2012). Negative emotional responses elicited by the anticipation of pain in others: Psychophysiological evidence. *The Journal of Pain*, 13, 467-476. doi:10.1016/j.jpain.2012.02.003
- Cale, J., Lussier, P., McCuish, E., & Corrado, R. (2015). The prevalence of psychopathic personality disturbances among incarcerated youth: Comparing serious, chronic, violent and sex offenders. *Journal of Criminal Justice*, 43(4), 337–344. doi:10.1016/j.jcrimjus.2015.04.005
- Castellana, G. B., Barros, D. M. de, Serafim, A. de P., & Busatto Filho, G. (2014). Psychopathic traits in young offenders vs. non-offenders in similar socioeconomic condition. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36(3), 241–244. doi:10.1590/1516-4446-2013-1127
- Chu, C. M., Daffern, M., Thomas, S. D. M., Ang, Y., & Long, M. (2013). Criminal attitudes and psychopathic personality attributes of youth gang offenders in Singapore. *Psychology, Crime & Law*, 20(3), 284–301. doi:10.1080/1068316x.2013.772182

- Chu, C. M., Daffern, M., Thomas, S., & Lim, J. Y. (2012). Violence risk and gang affiliation in youth offenders: a recidivism study. *Psychology, Crime & Law*, 18(3), 299–315. doi:10.1080/1068316x.2010.481626
- Cleckley, H. (1988). *The Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality*. 5th ed. Augusta-Georgia: Emily S. Cleckley.
- Coffey, C. A., Cox, J., & Kopkin, M. R. (2018). Examining the Relationships Between the Triarchic Psychopathy Constructs and Behavioral Deviance in a Community Sample. *Journal of Personality Disorders*, 32(1), 57–69. doi:10.1521/pedi\_2017\_31\_288
- Colins, O. F., Fanti, K. A., Salekin, R. T., & Andershed, H. (2017). Psychopathic Personality in the General Population: Differences and Similarities Across Gender. *Journal of Personality Disorders*, 31(1), 49–74. doi:10.1521/pedi\_2016\_30\_237
- DeLisi, M. (2009). Psychopathy is the Unified Theory of Crime. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 256–273. doi:10.1177/1541204009333834
- DeLisi, M., Tostlebe, J., Burgason, K., Heirigs, M., & Vaughn, M. (2016). Self-Control Versus Psychopathy. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 16(1), 53–76. doi:10.1177/1541204016682998
- Demetriou, C., Ozer, B. U. & Essau, C. A. (2015). Self-Report Questionnaires. In R. L. Cautin & S. O. Lilienfeld (Eds), *The Encyclopedia of Clinical Psychology*, 1-6. Nova Iorque: John Wiley & Sons. DOI: 10.1002/9781118625392.wbecp507
- Dindo, L., & Fowles, D. (2011). Dual temperamental risk factors for psychopathic personality: Evidence from self-report and skin conductance. *Journal of personality and social psychology*, 100(3), 557-566.
- Drislane, L. E., Patrick, C. J., Sourander, A., Sillanmäki, L., Aggen, S. H., Elonheimo, H., ... Kendler, K. S. (2014). Distinct variants of extreme psychopathic individuals in society at large: Evidence from a population-based sample. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 5(2), 154–163. doi:10.1037/per0000060
- D'Urso, G., Petruccelli, I., & Pace, U. (2018). Drug Use as a Risk Factor of Moral Disengagement: A Study on Drug Traffickers and Offenders against Other Persons.

*Psychiatry, Psychology and Law*, 25(3), 417–424.  
doi:10.1080/13218719.2018.1437092

- Dyck, H. L., Campbell, M. A., Schmidt, F., & Wershler, J. L. (2012). Youth Psychopathic Traits and Their Impact on Long-Term Criminal Offending Trajectories. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 11(3), 230–248. doi:10.1177/1541204012469414
- Emmert, A. D., Hall, G. P., & Lizotte, A. J. (2017). Do Weapons Facilitate Adolescent Delinquency? An Examination of Weapon Carrying and Delinquency Among Adolescents. *Crime & Delinquency*, 64(3), 342–362. doi:10.1177/0011128717714466
- Farrington, D. P. (2003). Developmental and Life-Course Criminology: Key Theoretical and Empirical Issues - The 2002 Sutherland Award Address. *Criminology*, 41(2), 221–255. doi:10.1111/J.1745-9125.2003.Tb00987.X
- Farrington, D. P. (2005). Childhood origins of antisocial behavior. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 12(3), 177–190. doi:10.1002/cpp.448
- Fontaine, N. M. G., McCrory, E. J. P., Boivin, M., Moffitt, T. E., & Viding, E. (2011). Predictors and outcomes of joint trajectories of callous-unemotional traits and conduct problems in childhood. *Journal of Abnormal Psychology*, 120, 730–742. doi:10.1037/a0022620
- Fox, B., & DeLisi, M. (2018). Psychopathic killers: A meta-analytic review of the psychopathy-homicide nexus. *Aggression and Violent Behavior*. doi:10.1016/j.avb.2018.11.005
- Gomes, C., & Almeida, R. (2010). Psicopatia em homens e mulheres. *Arquivos Brasileiros De Psicologia*, 62(1), 13-21.
- Haapasalo, J. (1994). Types of Offense among the Cleckley Psychopaths. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 38(1), 59–67. doi:10.1177/0306624x9403800106
- Hare, R. D. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1, 111-119.
- Hare, R. D. (2003). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist - Revised* (2nd ed.). Toronto: Multi-Health Systems.

- Hart, S. D., Cox, D., & Hare, R. D. (1995). *Manual for the screening version of the Hare Psychopathy Checklist - Revised (PCL:SV)*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hawes, S. W., Boccaccini, M. T., & Murrie, D. C. (2013). Psychopathy and the combination of psychopathy and sexual deviance as predictors of sexual recidivism: Meta-analytic findings using the Psychopathy Checklist—Revised. *Psychological Assessment*, 25(1), 233–243. doi:10.1037/a0030391
- Hicks, B. M., Vaidyanathan, U., & Patrick, C. J. (2010). Validating female psychopathy subtypes: Differences in personality, antisocial and violent behavior, substance abuse, trauma, and mental health. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(1), 38–57. doi:10.1037/a0018135
- Hirschi, T., & Gottfredson, M. (1993). Commentary: Testing the general theory of crime. *Journal of research in crime and delinquency*, 30(1), 47-54. doi:10.1177/0022427893030001004
- Kaminski, J. W., Valle, L. A., Filene, J. H., & Boyle, C. L. (2008). A meta-analytic review of components associated with parent training program effectiveness. *Journal of abnormal child psychology*, 36(4), 567-589.
- Karpman, B. (1941). On the need of separating psychopathy into two distinct clinical types: the symptomatic and the idiopathic. *Journal of Criminal Psychopathology*, 3, 112-137.
- Kavanagh, P. S., Signal, T. D., & Taylor, N. (2013). The Dark Triad and animal cruelty: Dark personalities, dark attitudes, and dark behaviors. *Personality and Individual Differences*, 55(6), 666–670. doi:10.1016/j.paid.2013.05.019
- Kolko, D. J., Dorn, L. D., Bukstein, O. G., Pardini, D., Holden, E. A., & Hart, J. (2009). Community vs. Clinic-Based Modular Treatment of Children with Early-Onset ODD or CD: A Clinical Trial with 3-Year Follow-Up. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37(5), 591–609. doi:10.1007/s10802-009-9303-7
- Lee, Z., & Salekin, R. T. (2010). Psychopathy in a noninstitutional sample: Differences in primary and secondary subtypes. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 1(3), 153–169. doi:10.1037/a0019269

- Lilienfeld, S. O. (1994). Conceptual problems in the assessment of psychopathy. *Clinical Psychology Review*, 14, 17-38.
- Lynam, D. R., Miller, D. J., Vachon, D., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2009). Psychopathy in Adolescence Predicts Official Reports of Offending in Adulthood. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 189–207. doi:10.1177/1541204009333797
- McCuish, E. C., Corrado, R. R., Hart, S. D., & DeLisi, M. (2015). The role of symptoms of psychopathy in persistent violence over the criminal career into full adulthood. *Journal of Criminal Justice*, 43(4), 345–356. doi:10.1016/j.jcrimjus.2015.04.008
- McDonald, R., Dodson, M. C., Rosenfield, D., & Jouriles, E. N. (2011). Effects of a Parenting Intervention on Features of Psychopathy in Children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(7), 1013–1023. doi:10.1007/s10802-011-9512-8
- Miller, J. D., & Lynam, D. R. (2015). Understanding Psychopathy Using the Basic Elements of Personality. *Social and Personality Psychology Compass*, 9, 223–237.
- Miller, J. D., Rausher, S., Hyatt, C. S., Maples, J., & Zeichner, A. (2014). Examining the relations among pain tolerance, psychopathic traits, and violent and nonviolent antisocial behavior. *Journal of Abnormal Psychology*, 123(1), 205–213. doi:10.1037/a0035072
- Miller, J. D., Watts, A., & Jones, S. E. (2011). Does psychopathy manifest divergent relations with components of its nomological network depending on gender? *Personality and Individual Differences*, 50(5), 564–569. doi:10.1016/j.paid.2010.11.028
- Ministério de Administração Interna (2017). *Relatório Anual de Segurança Interna - 2017*. Lisboa: Gabinete do Secretário-Geral do Sistema de Segurança Interna.
- Moffitt, T. E. (1993). “Adolescence-limited” and “life-course-persistent” antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674–701. doi: 10.1037/0033-295X.100.4.674
- Morana, H. C. P., Arboleda-Flórez, J., & Câmara, F. P. (2005). Identifying the cutoff score for the PCL-R scale (psychopathy checklist-revised) in a Brazilian forensic population. *Forensic Science International*, 147(1), 1–8. doi:10.1016/j.forsciint.2004.03.019

- Muncie, J., & McLaughlin, E. (1996). *The Problem of crime*. London: The open University.
- Nentjes, L., Bernstein, D. P., Arntz, A., Slaats, M. E., & Hannemann, T. (2015). Theory of Mind, Social Desirability, and Unlikely Symptom Reporting in Offenders With and Without Psychopathy. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 203(8), 596–603. doi:10.1097/nmd.0000000000000335
- Pardini, D. A., Lochman, J. E., & Powell, N. (2007). The Development of Callous-Unemotional Traits and Antisocial Behavior in Children: Are There Shared and/or Unique Predictors? *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 36(3), 319–333. doi:10.1080/15374410701444215
- Pechorro, P., Andershed, H., Ray, J. V., Maroco, J., & Goncalves, R. A. (2015). Validation of the youth psychopathic traits inventory and youth psychopathic traits inventory–short version among incarcerated juvenile delinquents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 37(4), 576-586.
- Pechorro, P., Gonçalves, R. A., Maroco, J., Gama, A. P., Neves, S., & Nunes, C. (2014). Juvenile delinquency and psychopathic traits: an empirical study with Portuguese adolescents. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 58, 174-189. doi:10.1177/0306624X12465584
- Pechorro, P., Poiares, C., Marôco, J., & Vieira, R. X. (2012). Traços psicopáticos e perturbação do comportamento em adolescentes institucionalizados. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(2), 399-409.
- Pedersen, L., Kunz, C., Rasmussen, K., & Elsass, P. (2010). Psychopathy as a Risk Factor for Violent Recidivism: Investigating the Psychopathy Checklist Screening Version (PCL:SV) and the Comprehensive Assessment of Psychopathic Personality (CAPP) in a Forensic Psychiatric Setting. *International Journal of Forensic Mental Health*, 9(4), 308–315. doi:10.1080/14999013.2010.526681
- Penney, S. R., & Moretti, M. M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences & the Law*, 25(1), 21–41. doi:10.1002/bsl.715

- Perri, F. S., & Brody, R. G. (2011). Birds of the same feather: the dangers of affinity fraud. *Journal of Forensic Studies in Accounting & Business*, 3(1), 31-44.
- Petrucelli, I., Barbaranelli, C., Costantino, V., Gherardini, A., Grilli, S., Craparo, G., & D'Urso, G. (2017). Moral Disengagement and Psychopathy: A Study on Offenders in Italian Jails. *Psychiatry, Psychology and Law*, 1–12. doi:10.1080/13218719.2017.1291291
- Pfattheicher, S., Keller, J., & Knezevic, G. (2018). Destroying things for pleasure: On the relation of sadism and vandalism. *Personality and Individual Differences*. doi:10.1016/j.paid.2018.03.049
- Piquero, A. R., Farrington, D. P., Fontaine, N. M., Vincent, G., Coid, J., & Ullrich, S. (2012). Childhood risk, offending trajectories, and psychopathy at age 48 years in the Cambridge Study in Delinquent Development. *Psychology, Public Policy, and Law*, 18(4), 577.
- Próspero-Luis, J., Moreira, P. S., Paiva, T. O., Teixeira, C. P., Costa, P., & Almeida, P. R. (2017). Psychopathy, criminal intentions, and abnormal appraisal of the expected outcomes of theft. *Legal and Criminological Psychology*, 22(2), 314–331. doi:10.1111/lcrp.12103
- Repo-Tiihonen, E., Tiihonen, J., Lindberg, N., Weizmann-Henelius, G., Putkonen, H., & HÅkkÅnen, H. (2010). The Intergenerational Cycle of Criminality - Association with Psychopathy. *Journal of Forensic Sciences*, 55(1), 116–120. doi:10.1111/j.1556-4029.2009.01208.x
- Roberts, A., & Coid, J. (2010). Personality disorder and offending behaviour: Findings from the national survey of male prisoners in England and Wales. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 21, 221-237. doi: 10.1080/14789940903303811
- Rogstad, J., & Rogers, R. (2008). Gender differences in contributions of emotion to psychopathy and antisocial personality disorder. *Clinical Psychology Review*, 28(8), 1472–1484. doi:10.1016/j.cpr.2008.09.004

- Salekin, R. T. (2008). Psychopathy and recidivism from mid-adolescence to young adulthood: Cumulating legal problems and limiting life opportunities. *Journal of Abnormal Psychology*, 117, 386-395.
- Sanches, C., Gouveia-Pereira, M., Marôco, J., Gomes, H. & Roncon, F. (2016). Deviant behavior variety scale: development and validation with a sample of Portuguese adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29 (31), 1-8. doi: 10.1186/s41155-016-0035-7
- Seigfried-Spellar, K. C., Villacís-Vukadinović, N., & Lynam, D. R. (2017). Computer criminal behavior is related to psychopathy and other antisocial behavior. *Journal of Criminal Justice*, 51, 67–73. doi:10.1016/j.jcrimjus.2017.06.003
- Silva, A. (2008). *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado* (1st ed.). Fontanar.
- Smith, P. N., Selwyn, C. N., Wolford-Clevenger, C., & Mandracchia, J. T. (2013). Psychopathic Personality Traits, Suicide Ideation, and Suicide Attempts in Male Prison Inmates. *Criminal Justice and Behavior*, 41(3), 364–379. doi:10.1177/0093854813506884
- Stefano, L. B. (2016). Reféns da Psicopatia. *REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM* - ISSN 1984-7866, 9(1), 235-251.
- Steffen, M. (2006). Delinquência: privação, trauma e passagem ao ato. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 188, 82-86.
- Stolzenberg, L. & D'Alessio, S. J. (2008). Co-Offending and the Age-Crime Curve. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 45(1), 65-86. DOI: 10.1177/0022427807309441
- Stupperich, A., & Strack, M. (2016). Among a German Sample of Forensic Patients, Previous Animal Abuse Mediates Between Psychopathy and Sadistic Actions. *Journal of Forensic Sciences*, 61(3), 699–705. doi:10.1111/1556-4029.13057
- Swogger, M. T., Walsh, Z., Lejuez, C. W., & Kosson, D. S. (2010). Psychopathy and Risk Taking Among Jailed Inmates. *Criminal Justice and Behavior*, 37(4), 439–452. doi:10.1177/0093854810361617
- VandenBos, G. R. (2007). *APA dictionary of psychology*. American Psychological Association.

- Vaughn, M. G., Edens, J. F., Howard, M. O., & Smith, S. T. (2009). An Investigation of Primary and Secondary Psychopathy in a Statewide Sample of Incarcerated Youth. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 7(3), 172–188. doi:10.1177/1541204009333792
- Vaughn, M. G., Howard, M. O., & DeLisi, M. (2008). Psychopathic personality traits and delinquent careers: An empirical examination. *International Journal of Law and Psychiatry*, 31(5), 407–416. doi:10.1016/j.ijlp.2008.08.001
- Venables, N. C., Hall, J. R., & Patrick, C. J. (2013). Differentiating psychopathy from antisocial personality disorder: a triarchic model perspective. *Psychological Medicine*, 44(05), 1005–1013. doi:0.1017/s003329171300161x
- Zavala, E., & Kurtz, D. L. (2017). Using Gottfredson and Hirschi's A General Theory of Crime to Explain Problematic Alcohol Consumption by Police Officers: A Test of Self-Control as Self-Regulation. *Journal of Drug Issues*, 47(3), 505–522. doi:10.1177/0022042617706893

## VII. ANEXOS

### Anexo I: Consentimento Informado



#### CONSENTIMENTO INFORMADO

O projeto de investigação científica “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), é conduzido por uma equipa de investigadores do Instituto de Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) – Instituto Universitário, englobando só em 2017/2018, cinco dissertações de mestrado.

Pretende-se estudar os fatores de risco e de proteção para o comportamento pró/anti-social, bem como para a integração social em jovens adultos da comunidade. Um dos fatores de risco estudados é o impacto das histórias de adversidade na infância e adolescência no início da idade adulta, nesse sentido, a participação de jovens adultos (entre os 18 e os 20 anos), com e sem experiências de adversidade, é essencial para o sucesso deste projeto.

Este estudo obteve parecer favorável da Comissão de Ética e por isso é de sublinhar que a sua participação não lhe trará risco ou despesa e pode a qualquer momento recusar a continuidade da sua participação no estudo. A aplicação do questionário é realizada a várias pessoas e o consentimento informado é, desde início, separado das suas respostas, tornando impossível associar as suas respostas à sua identificação, garantindo-lhe por isso, o máximo de confidencialidade. Os resultados deste projeto poderão ajudar a moldar políticas públicas mais eficazes. A sua participação é voluntária e os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e usados somente para fins científicos. Nesse sentido, por favor seja sincero.

Caso aceite participar, pedimos de seguida o seu consentimento informado. Os investigadores disponibilizam-se para esclarecer quaisquer dúvidas, informações adicionais poderão ser obtidas através do e-mail: [projetoispaprosocial@gmail.com](mailto:projetoispaprosocial@gmail.com). Muito Obrigado!

Eu, \_\_\_\_\_ (nome completo), li e compreendi este documento e aceito participar no projeto científico: “*Estudo Internacional sobre comportamentos pro(anti)sociais no início da idade adulta*” (SOCIALDEVIANCE1820), dando o meu consentimento informado e tendo a garantia que todos os meus dados permanecerão confidenciais.

O/A participante

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

## Anexo II: Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar

**ANTES DE COMEÇAR:** Para participar no 2º e 3º sorteio de vales (participando no 2º e 3º momento do estudo –preenchimento de um questionário online), por favor preencha o código, assim garantimos que se lembra deste código no 2º e 3º momento, sem que este dado revele a sua identificação, garantindo por isso a máxima confidencialidade. Indicar 1ª letra do 1º nome, 1ª letra do 2º nome e o dia e o mês de nascimento. Por exemplo, se o seu nome é João Silva Pinto e nasceu a 01/03/1986, o seu código será J S 01 03.

1ª letra do 1º nome	1ª letra do 2º nome	Dia de nascimento	Mês de nascimento
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

### Questionário Geral sobre a Situação Social e Familiar

<p>1. Sexo</p> <p>Masculino <input type="checkbox"/></p> <p>Feminino <input type="checkbox"/></p>	<p>2. Qual a sua idade? _____</p> <p>3. Qual o seu nível de escolaridade? _____ (número máximo de anos de escola concluídos com sucesso)</p> <p>4. Quantas vezes reprovou na escola? _____ (se nunca colocar "0")</p>
<p>5. É autónomo/a financeiramente?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>6. Se não é financeiramente independente, por favor indique:</p> <p>Pai: 6.1. Escolaridade _____ 6.2. Profissão _____</p> <p>Mãe: 6.3. Escolaridade _____ 6.4. Profissão _____</p>
<p>7. Grupo étnico</p> <p>Português/a de ascendência portuguesa <input type="checkbox"/></p> <p>Português/a de ascendência africana <input type="checkbox"/></p> <p>Comunidade cigana de Portugal <input type="checkbox"/></p>	<p>8. Cor da pele?</p> <p>Branca <input type="checkbox"/></p> <p>Negra <input type="checkbox"/></p> <p>Outra <input type="checkbox"/></p>
<p>9. O que faz?</p> <p>Trabalha <input type="checkbox"/> Estuda <input type="checkbox"/> Trabalha e estuda <input type="checkbox"/> Não trabalha nem estuda <input type="checkbox"/></p>	<p>10. Se trabalha, por favor indique, em que trabalha? (e.g. enfermeiro/a)? _____</p>
<p>11. Com quem vive?</p> <p>Parceiro/a <input type="checkbox"/> Pai/s <input type="checkbox"/> Sozinho/a <input type="checkbox"/> Amigos/as <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/></p>	<p>13. Tem filhos/as?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p>14. Os seus filhos/as vivem consigo?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>12. Quantas pessoas vivem consigo na mesma casa? _____</p>	
<p>15. Tem alguma actividade de lazer (legal) que pratique de forma regular?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>16. Pratica desporto regularmente?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>17. Está ou já esteve nas forças armadas? (e.g., exército)</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>18. Tem alguma religião?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>19. É praticante dessa religião?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>20. Mudou de cidade no último ano?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>21. Quantos amigos tem? _____</p>	<p>22. Dos amigos que tem, quantos já estiveram (ou estão) presos? _____</p>
<p>23. Na infância e/ou adolescência foi educado apenas por uma pessoa (pai ou mãe)?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>24. Tem algum problema grave de saúde mental?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>25. Já alguma vez esteve preso/a?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>26. Já teve problemas com a polícia?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>27. Já alguma vez viveu numa casa de acolhimento?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>28. Já alguma vez viveu num centro educativo?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>29. Já consumiu drogas ilegais?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>	<p>30. Já se embriagou com bebidas alcoólicas?</p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p>
<p>31. Por favor indique com que frequência consumiu drogas nos últimos 12 meses:</p> <p>Diário <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Anual <input type="checkbox"/> Não aconteceu <input type="checkbox"/></p>	<p>32. Por favor indique com que frequência se embriagou nos últimos 12 meses:</p> <p>Diário <input type="checkbox"/> Semanal <input type="checkbox"/> Mensal <input type="checkbox"/> Anual <input type="checkbox"/> Não aconteceu <input type="checkbox"/></p>

### Anexo III: Escala de Variedade do Comportamento Desviante

#### Escala DBV

(Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes, & Roncon, 2016)

Agora apresentamos-te alguns comportamentos que podem ser realizados por jovens da tua idade. Indica por favor se, durante o último ano, tiveste algum destes comportamentos. Lembra-te que o questionário é ANÓNIMO e CONFIDENCIAL. Ninguém que te conheça terá acesso às tuas respostas. Por favor responde com sinceridade!

Vê o exemplo e assinala a resposta que melhor corresponde aos teus comportamentos.

DURANTE O ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ...	SIM	NÃO
1. Foste para a escola ou para as aulas depois de teres bebido bebidas alcoólicas?		
2. Mentiste a adultos (ex: familiares, professores, etc.)?		
3. Consumiste cocaína ou heroína?		
4. Usaste uma moto ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário?		
5. Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)?		
6. Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete?		
7. Estragaste ou destruiste bens públicos ou privados (ex: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc.)?		
8. Consumiste haxixe ("ganzas") ou marijuana ("erva")?		
9. Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
10. Faltaste vários dias à escola sem os teus pais saberem?		
11. Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc...)?		
12. Roubaste alguma coisa que valia entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
13. Faltaste às aulas porque não te apeteceu ir, para ficar com colegas ou para ir dar uma volta?		
14. Conduziste uma mota ou um carro sem ter carta de condução?		
15. Consumiste LSD ("ácidos"), ecstasy ("pastilhas") ou anfetaminas ("speeds")?		
16. Transportaste uma arma (ex.: navalha, pistola, etc.)?		
17. Roubaste alguma coisa que valia menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
18. Fizeste grafitis em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc.)?		
19. Assaltaste um carro, uma casa loja, escola ou outro edifício?		

**Questão adicional** - Acima foram enumerados 19 comportamentos que poderás ter realizado no último ano, **por favor indica quantos destes comportamentos já realizaste ao longo de toda a tua vida? \_\_\_\_ (0-19)**

## Anexo IV: Youth Psychopathic Inventory – Short Version

YPI -S				
<p>Neste questionário vais encontrar afirmações sobre a forma como tu geralmente pensas e sentes as coisas. Lê atentamente cada afirmação e diz em que grau concordas ou discordas com ela. Das quatro alternativas diferentes de resposta para cada afirmação assinala apenas uma. Responde a cada afirmação de acordo com o que pensas e sentes mais frequentemente, e não apenas neste momento.</p>	<i>Discordo totalmente</i>	<i>Discordo</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo totalmente</i>
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1. Tenho jeito para enganar as pessoas, usando o meu charme e o meu sorriso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sou bom a fazer as pessoas acreditarem em mim quando invento alguma história.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho capacidades que vão muito além das capacidades das outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. É fácil para mim manipular as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando é preciso, uso o meu sorriso e o meu charme para tirar partido dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Estou destinado a ser uma pessoa importante e bem conhecida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que chorar é sinal de fraqueza mesmo que ninguém nos veja.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Quando as outras pessoas têm problemas muitas vezes é por culpa delas, por isso não devíamos ajudá-las.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Estar nervoso e preocupado é um sinal de fraqueza.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não entendo como há pessoas que ficam tão emocionadas ao ponto de chorarem com o que vêem na televisão ou nos filmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É sinal de fraqueza sentir culpa e remorsos por coisas que fizemos e que magoaram os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Não deixo que os meus sentimentos me afetem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Provavelmente já faltei à escola ou ao trabalho mais vezes do que a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Considero-me uma pessoa bastante impulsiva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Muitas vezes falo primeiro e só penso depois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Aborreço-me muito depressa se estiver a fazer sempre as mesmas coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Muitas vezes faço coisas sem pensar nas consequências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Já me aconteceu várias vezes pedir uma coisa emprestada e depois perdê-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>